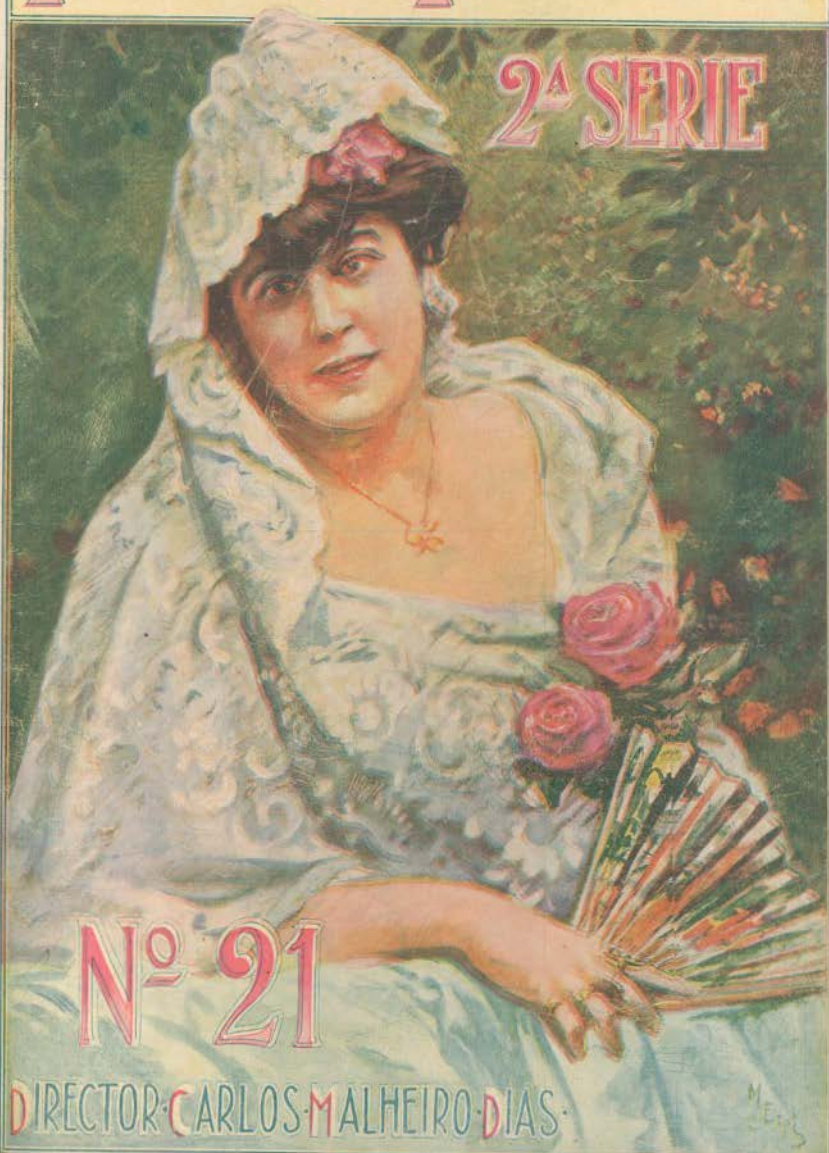
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

2ª SERIE

Nº 21

DIRECTOR · CARLOS MALHEIRO DIAS

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

O DELIRIO DA UNIFICAÇÃO IBERICA

Affonso XIII de Hespanha terá ou não descendentes? ◎ Ena de Battenberg será ou não fecunda? ◎ A casa d'Austria e o filho de um tuberculoso estroina. ◎ O problema da unificação iberica. ◎ Como o principe D. Luiz Filippe de Portugal viria a ser rei de todas as Hespanhas. ◎ A revivescencia do delirio da unificação. ◎ A fórma dynastica e a fórma democratica e federativa do Iberismo. ◎ O velho «truc» dos casamentos. ◎ De Izabel a Catholica a Fernandez de los Rios. ◎ A monarchia aristocratica de Senibaldo Más e de Pio Gullon. ◎ A federação de Xisto Camara. ◎ A theoria do Imperio, de Juan Valera.

O recente casamento de Affonso XIII de Hespanha, esse sympathico principesinho de feições austriacas, tão parecido com o seu ascendente Filippe IV e em cujo perfil anguloso tão evidentemente se accentua a degenerescencia d'uma raça, veiu dar logar ás mais singulares conjecturas politicas e fazer reviver, nos ultimos tempos, o velho e complicadissimo problema da unificação iberica.

Será esteril ou fecundo o matrimonio de Affonso XIII e de Ena de Battenberg? Na hypothese da fecundidade, serão ou não viaveis os filhos que d'elle resultarem? N'estas perguntas, nitidamente formuladas pelos unionistas, está hoje toda a questão e todas as esperanças do Iberismo. Morto o actual rei de Hespanha sem descendencia, os apostolos da annexação, que para os hespanhoes se tornou uma especie confusa de lenda sebastianista, aproveitariam o ensejo para realisar o sonho da pan-Iberia, offerecendo a corôa de todas as Hespanhas ao principe Luiz Filippe de Portugal, como Canovas a offerecera a D. Pedro V, como o general Prim a offerecera a El-Rei D. Fernando.

É a revivescencia do delirio da unificação na sua modalidade dynastica e cezarista,—a fórma tradicional por excellencia,—mil vezes mais perigosa do que a fórma democratica do federalismo iberico, porque mais do que ella se presta á absorpção dos pequenos pelos grandes Estados, resultando no sacrificio irremediavel da nossa independencia. Velho de quatro seculos, o delirio unionista renasce das proprias cinzas, não já com o caracter anachronico d'uma simples questão de interesses dynasticos, mas sob o principio politico dos *grandes complexos de Estados*, tendente á unificação dos pequenos povos, ou antes, á sua absorpção pelos grandes, na formula integral do *pangermanismo*, do *panslavismo* e do *pannlatinismo*. A necessidade de um rei, simples questão de symbolo indispensavel á formação d'um Estado centralisado e cezarista, seria apenas um pretexto para facilitar a annexação. A offerta d'essa realeza a um principe portuguez, servindo interesses dynasticos, e pondo esses interesses em jogo a favor da causa iberica, significaria apenas a consagração d'um velho *truc*, o mesmo de que lançava mão em 1598 Isabel a Catholica,—ainda e sempre o mesmo que exaltavam em 1823 Flôres Calderon, em 1854 Canovas del Castillo, em 1869 Fernandez de los Rios. Em virtude d'esse *truc*, a Hespanha teria o ar de se annexar a Portugal, e não Portugal á Hespanha; a perda da nossa autonomia seria dourada pelo advento dos Braganças á realeza iberica, e a absorpção ou antes a eliminação da nacionalidade portugueza, considerada pelos unionistas como uma terminante rebellião ás leis geographicas da peninsula, far-se-hia pela mesma fórma summaria e absoluta, como se se tratasse d'um paiz submettido e conquistado. Era mais uma vez o interesse individual das dynastias a decidir da existencia collectiva dos povos.

Felizmente, toda esta *echaffaudage* politica repousa apenas sobre uma hypothese bem fragil: a da

D. Manuel

D. Filippe II

esterilidade d'uma mulher. Nenhum dado scientifico nos pode fazer prever com segurança que Ena de Battenberg seja esteril ou que, no caso especial, a sua união com Affonso XIII possa resultar infecunda. Sobre o sympathico principe, filho d'um tuberculoso estroina e producto de successivas consanguinidades, pezam, é certo, taras degenerativas profundas; mas isso não é o bastante para que ácerca dos Bourbons de Hespanha pronunciemos o *finis familiae* dos genealogistas. Resta a hypothese da não viabilidade dos filhos. Mas não será a robustez indiscutivel de Ena de Battenberg sufficiente para neutralisar e corrigir as taras da linha paterna, produzindo uma descendencia, senão herculea, ao menos viavel e florescente?

D. Filippe III

Seja entretanto como fôr, tenha ou não filhos Affonso XIII, o delirio da unificação iberica persistirá, a despeito de todas as eventualidades e de todas as contrariedades. Idéa velha de quatro seculos, remoçou-a na Europa contemporanea a theoria da *juxtaposição dos povos* e deu-lhe verisimilhança o sonho republicano d'uma federação peninsular, que nem por isso representaria para nós uma fórma menos decisiva e menos vexante de absorpção e de eliminação politica. Sobre as bases d'uma monarchia aristocratica e centralisada, como queria D. Senibaldo de Más, o verdadeiro precursor do quinto Imperio (1851), ou D. Pio Gullon, o auctor insolente de *La fusion iberica* (1854); com as caracteristicas geraes d'uma democracia federativa, «obra dos povos e não obra dos reis», como reclamava no seu livro D. Xisto Camara; ou, emfim, sob a fórma imperial d'uma reunião de estados com plena autonomia politica e administrativa, como pretendia D. Juan Valéra em 1872, — o grande sonho da Iberia ha de perpetuar-se indefinidamente atravez os tempos, porque não existirá nunca um hespanhol que não esteja plenamente convencido de que — *«la mas absurda de las divisiones que la naturaleza parece haberse complacido en hacer monstruosas en la peninsula, es todavia la frontera de España y Portugal».*

A idéa da unificação iberica é fundamentalmente uma idéa portugueza. © O sonho dynastico da Iberia. © De Affonso V a D. Carlos I, do padre Antonio Vieira a Oliveira Martins, de Saldanha a Anthero do Quental. © A monarchia peninsular. © A Iberia casamenteira. © A Unificação dormitando debaixo das colchas e brocados dos thalamos reaes. © D. Affonso V unificador da Hespanha. © Dois casamentos mallogrados. © Uma viagem a França e um habito de frade. © D. João II e Izabel a Catholica. © El-rei D. Manuel jurado principe de Castella, Leão e Aragão. © Uma princeza tysica e o sonho da Iberia. © A «guigne» dos monarchas portuguezes. © D. João III, D. Sebastião, o cardeal D. Henrique. © A luva de ferro de Filippe II.

Mas o que é mais interessante, e o que nós vamos esforçar-nos por demonstrar n'este artigo, é que a idéa da unificação iberica, longe de ser apenas uma *idéa hespanhola*, é pelo contrario e muito caracterisadamente uma *idéa portugueza*. A Iberia, se é certo que constitue ainda hoje, e constituirá sempre, a suprema ambição da visinha Hespanha, não tem sido menos, desde o meiado do seculo XV até aos nossos dias, o sonho glorioso e inattingido de Portugal, — ou, digamos melhor, das familias dynasticas de Portugal. Pelo cerebro de todos os nossos grandes reis ou pelo cerebro de todos os nossos grandes estadistas, passou um dia, com maior ou menor duração, com maior ou menor intensidade, o delirio da unificação iberica. Desde D. Affonso V até ao actual rei D. Carlos I, desde o padre Antonio Vieira até ao ministro Oliveira Martins, desde o marechal Saldanha até Anthero do Quental, reis e estadistas, poetas e diplomatas, todos foram, n'uma dada phase da sua vida, partidarios da união politica com a Hespanha e apostolos da constituição d'uma grande monarchia peninsular.

Dir-se-hia que não procurámos outra cousa, a partir da constituição da nossa nacionalidade e do

D. Filippe IV

seu reconhecimento pelo consenso geral da Europa, de tal fórma foram frequentes durante as primeiras dynastias os casamentos tratados entre Leão, Castella, Aragão e Portugal. Levámos seculos a exportar para Hespanha rainhas com dote e a importar de Hespanha rainhas sem dote. Chegou um certo periodo em que todas as realezas da peninsula, ligadas por estreitos laços de sangue, constituiam uma complexa e vasta familia dynastica. Como nas pequenas aristocracias provincianas, — eram todos primos uns dos outros. A Iberia, na phrase de um dos seus mais escandalosos defensores, Fernandez de los Rios,— *«dormitava debaixo das colchas e brocados dos thalamos reaes»*.

D. Catharina, mulher de D. João III

Succedeu então o que não podia deixar de succeder: a idéa da unificação começou a germinar, a tomar vulto, a desenvolver-se, a systematisar-se. A principio, foi o simples proposito da reintegração d'um condado rebelde, dado em dote a um aventureiro burgonhez, e erguido inesperadamente em velleidades de autonomia; depois, mais tarde, já era a negociação politica incipiente preparando a annexação por um systema ainda vago de approximações dynasticas. Mas se, com o andar do tempo, Castella sonhava a absorpção, — Portugal, pelo seu lado, não a sonhava menos. Em 1455 já D. Affonso V, viuvo da primeira mulher, principiava a meditar, no seu gabinete do paço de Cintra, o problema da unificação politica de toda a Hespanha. Pela primeira vez um plano reflectido e systematico de annexação se esboçava, — e esse plano era obra precisamente de um principe portuguez. D. Affonso V reuniu os seus capellos vermelhos, convocou o capitulo de doutores do seu conselho, e mostrou-lhes por que fórma, casando elle com a Infanta D. Isabel, depois Isabel a Catholica, e seu filho com a princeza D. Joanna, a *Beltraneja*, supposta filha de Henrique IV, as corôas de Castella, Leão e Portugal se reuniriam na sua cabeça ou na do futuro D. João II, com a annexação provavel da corôa de Aragão n'um periodo mais ou menos curto. Infeliz ou felizmente, todas estas negociações começadas a entabolar na maior das cordealidades, interromperam-se dentro de pouco tempo. D. Isabel casou com Fernando d'Aragão; o principe com D. Leonor, filha do infante D. Fernando, — e mais tarde, diz Ruy de Pina, D. João II *«accusava a negligencia ou não bom conselho d'El-Rei seu pae, porque não consentira e acceitara os primeiros commettimentos para os casamentos em Castella, com que d'uma maneira ou de outra foram de Hespanha pacificos senhores»*. Tempo depois, ainda D. Affonso V, gordo, calvo e cavalheiresco, pensou em retomar o antigo plano; concertou casamento com a *Beltraneja*, procurou defender os seus direitos á corôa de Castella contra Isabel a Catholica, fez uma viagem ridicula á côrte de Luiz XI, encheu-se de desespero e de dôr, quiz tomar habito na volta, refugiar-se n'um mosteiro, caiu n'um abatimento profundo, e morreu. O seu grande sonho da Iberia tinha-se transformado humildemente na triste ambição d'um habito monachal.

Logo em seguida, D. João II, retomando o velho sonho de seu pae, tratou de casar o filho com a filha mais velha dos reis catholicos. A idéa da unificação de Hespanha não lhe sahia do espirito. Estava-lhe no sangue. Fernando o catholico acariciava de longe essa idéa, ¿d'onde resultaria evidentemente a absorpção do mais fraco pelo mais forte, protegia-a, patrocinava-a. De repente, porém, o principe morre n'um desastre, a côrte cobre-se de burel aspero, e a princeza viuva volta para Castella com as suas joias, com os seus vestidos, com o seu dote. Tempo depois, quando ella já resvalára no beaterio, tysica e feia, alquebrada e sombria, é ainda a mesma idéa fixa da unificação que vae buscal-a, na pessoa d'El-Rei D. Manuel, á tranquillidade da sua doença e da sua viuvez, para a trazer de novo para a realeza e

Duque d'Alba

para a vida. Estavamos em 1497. Bruscamente, o principe D. João, filho dos reis catholicos e seu successor, casado havia pouco com Margarida de Austria, morre tambem de febres; deixa a mulher gravida, espera-se a todo o momento o parto, mas o filho que ella vem a ter nasce morto,—e D. Manuel, futuro senhor de quatro reinos, parte para Toledo, a ser jurado principe de Castella, Leão e Aragão. D. Izabel estava gravida tambem, nascia em berço d'oiro o principe D. Miguel, tudo corria ás mil maravilhas,—ia realisar-se emfim o grande sonho da unificação da peninsula que os reis catholicos acarinhavam e preparavam. D. Manuel e o seu descendente fundariam o imperio das Hespanhas, tudo caminhava pelo melhor e no melhor dos mundos possivel,—mas um bello dia, D. Miguel da Paz, o pequenino principe, morre de convulsões, a mãe succumbe a uma hemorragia, todo o sonho da Iberia desaba de novo,—e D. Manuel, desalentado, viuvo, tendo visto fugir-lhe tres realezas, volta resignadamente para Portugal a continuar o seu officio de rei.

Uma *guigne* terrivel perseguia os monarchas portuguezes. Mas se nenhum d'elles, D. Affonso V, D. João II ou D. Manuel, teve bastante sorte ou bastante talento para conseguir para a sua cabeça a corôa real de todas as Hespanhas,—os seus descendentes, D. João III, D. Catharina e o cardeal D. Henrique tiveram a habilidade sufficiente e a sufficiente pouca-vergonha para a preparar... para os outros. Morto D. Sebastião, morto D. Henrique, esse fossil purpurado e imbecil que se extinguiu a mamar como uma creança, Filippe II poz a sua luva de ferro sobre Portugal, com a soberba d'um pretendente poderoso e a tranquillidade de um herdeiro forçado.

D. João IV

A tarantula do Iberismo. ◎ Os Braganças e a Unificação. ◎ D. João IV de Portugal e Filippe IV de Hespanha ◎ O principe D. Theodosio, rei da Iberia ◎ A missão secreta do padre Antonio Vieira a Roma. ◎ Os jesuitas. ◎ Malogro das negociações. ◎ Segunda «pousade» iberica. ◎ D. Pedro II e o embaixador conde de Oropesa. ◎ O instincto diplomatico d'um toureiro. ◎ A esterilidade de Carlos II de Hespanha. ◎ Fim da casa d'Austria. ◎ Ambição de reis e não interesse de povos. ◎ O Iberismo no seculo XIX. ◎ O embaixador Campuzano em Londres. ◎ D. Pedro IV combina uma revolução para unificar a peninsula. ◎ Mendizabal e o marido de D. Maria II.—◎ A corôa da Iberia offerecida a D. Pedro V. ◎ Canovas del Castillo e Antonio Rodrigues Sampaio.

Mas logo em seguida á Restauração, a tarantula do iberismo voltou a morder os monarcas portuguezes. Depois da paz da Westhfalia, D. João IV, vagamente apprehensivo, deixou por um momento as caçadas de Villa Viçosa e os motetes do Paço de Cintra e começou a pensar, a serio, na hypothese de reunir na fronte ascetica e fervorosa do filho a pesada corôa de todas as Hespanhas. Como? Pela velha fórmula dos casamentos e dos interesses dynasticos, pedindo, para o principe D. Theodosio, a mão da infanta de Hespanha filha de Filippe IV. Perder-se-hia de novo a independencia de Portugal? Melhor. O essencial era reinarem os Braganças.

A empresa diplomatica não era facil. Foi encarregado d'ella o jesuita padre Antonio Vieira,—pau para toda a obra e para toda a qualidade de negocios escuros, desde a vigilancia aos actos do nosso embaixador na Haya até á intervenção passiva nas questões de Napoles. O padre partiu para Roma a entender-se com os jesuitas hespanhoes, que na cidade pontificia exerciam uma poderosissima influencia sobre os destinos de Hespanha, e a expôr-lhes quaes as bases do negocio: não tendo Filippe IV filho varão, como não tinha, a infanta e D. Theodosio succederiam no throno de Portugal e Castella, abdicando D. João IV immediatamente no principe, se o rei de Hespanha persistisse em não lhe reconhecer os direitos á realeza. A unica condição imposta pelo padre Antonio Vieira era esta: que a capital do futuro imperio fôsse Lisboa.

Os jesuitas hespanhoes, enthusiasmados, sofraldaram as roupetas, dançaram d'alegria, participaram a boa nova ao governo de Madrid,—mas os ares eram outros. Filippe IV tomára-se d'uma surda irritação contra o rei portuguez, e o proprio embaixador de Hespanha em Roma, creatura sombria e violenta, déra ordens terminantes para que Antonio Vieira fôsse assassinado. O padre não teve remedio senão sahir á pressa de Roma. Mais uma vez se perdia, para a familia dynastica de Portugal, o grande sonho da unificação iberica.

Mas a idéa da Iberia como néo-formação politica já estava tão indissoluvelmente presa á ambição dos dynastas portuguezas, que D. Pedro II, alguns annos mais tarde, quando já era outra a face politica da Europa, voltou a pensar, tão sériamente como seu pae, na eventualidade feliz de poder a casa de Bragança aspirar á realeza de todas as Hespanhas. D'esta vez, não foi pelo estafado *truc* dos casamentos que as negociações se fi-

zeram. Foi outro o processo, mais fallivel ainda e mais grave, — um verdadeiro delirio de rei toureiro e boçal, para quem os assumptos diplomaticos se resolviam com dois pontapés. A situação era esta: Morrera Filippe IV, deixando um filho degenerado e devoto, Carlos II, — que a sciencia do tempo asseverava não poder ter descendencia. A casa d'Austria extinguia-se na esterilidade e na miseria. Luiz XIV, em face de tão singulares circumstancias, affirmou os seus direitos á successão da corôa de Hespanha e deu a entender que os manteria custasse o que custasse. D. Pedro II, que queria passar a vida a succeder a reis impotentes, irritou-se, chamou o embaixador de Hespanha em Lisboa, o conde de Oropeza, deu dois murros sobre um bufete, disse-lhe que pretendente por pretendente, antes elle que o rei de França, — e como achasse o conde bem disposto, acenou-lhe com as vantagens da unificação para Hespanha, com a absorpção integral dos dominios portuguezes na vasta monarchia hespanhola, confessou-lhe que pouco se lhe davam os destinos de Portugal desde que os Braganças pudessem embrulhar os hombros na purpura real de todas as Hespanhas, e assentou com o embaixador de D. Carlos nas condições em que poderia vir a ser jurado successor do grande imperio de Filippe II. Entretanto, Luiz XIV soube das negociações do rei com Oropeza, e mandou como enviado extraordinario a Portugal o abbade d'Estrées, que conseguiu neutralisar a politica ingenua e rude de D. Pedro, engodando-o com promessas illusorias e provando-lhe que o governo de Madrid nunca poderia reconhecer como rei de todas as Hespanhas um monarcha que nem como simples rei de Portugal reconhecia.

Principe D. Theodosio

Pouco depois morria Carlos II e era acclamado o duque de Anjou com o nome de Filippe V. Estava, mais uma vez, prejudicado o sonho secular da unificação iberica.

Como temos visto, esse grande e supremo sonho germinou mais exuberantemente no cerebro dos principes portuguezes do que no dos proprios monarchas hespanhoes. Atravez os seculos, desde D. Affonso V, a idéa da unificação iberica é pois uma idéa nitida e caracterisadamente portugueza. Não significaria decerto, porque nunca o poderia significar, uma ambição justa e intelligente dos povos; mas representou sempre o interesse occulto e egoista dos reis. Se, para a Hespanha, o conceito politico da Iberia é uma questão racional de patriotismo e de nacionalidade, para Portugal, — triste é dizel-o — significou sempre apenas a expressão de interesses dynasticos e de ambições de familia inconfessaveis, que uma vez attingidas comprometteriam definitivamente a nossa existencia politica.

D'ahi por diante, o mau exito das primitivas negociações e a nova face que apresentava a diplomacia européa, contiveram as ambições dos monarchas portuguezes. Seguiu-se, relativamente á questão da Iberia, uma longa accalmia. O seculo XVIII foi, sob esse aspecto, um seculo tranquillo para os interesses dynasticos dos Braganças. Só no principio do seculo XIX começaram a fazer-se novas tentativas de annexação. Mas essas tentativas já não partiam de Portugal, — partiam de Hespanha. Em 1818 é o embaixador hespanhol, Campuzano, que trata do assumpto em Londres com o embaixador portuguez. Em 1826 Flores Calderon, Dias Morales, Rumi e Borrego combinam com D. Pedro IV uma revolução geral destinada a unificar a peninsula. Pouco depois, Mendizabal lança as bases da annexação portugueza, com o marido de D. Maria II. Em 1854, finalmente, quando uma revolução militar põe em perigo o throno de Izabel II, D. Pedro V é solicitado para reunir na sua fronte ingenua as corôas de Hespanha e Portugal, e Canovas del Castillo escreve ou inspira um pamphleto inculcando o monarcha portuguez para rei da Iberia, ao mesmo tempo que Antonio Rodrigues Sampaio, n'um artigo da *Revolução de Setembro*, faz d'uma maneira encapotada mas evidente a apologia da unificação.

Vinha a preparar-se, pouco a pouco, gradualmente, a conspiração de palacio que em 1869 trouxe a Lisboa, em missão secreta, o diplomata Fernandez de los Rios. A Hespanha, que não acceitára a realeza de D. João IV e de D. Pedro II, que demittira o embaixador Oropeza e mandára assassinar o jesuita Antonio Vieira, — vinha com pés de lã, graciosamente, surrateiramente, pedir um rei a Portugal.

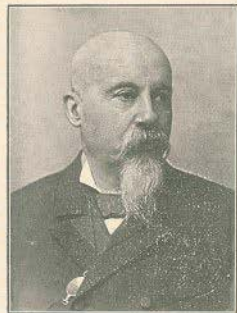
O enviado secreto Fernandez de los Rios. ◎ Um «commis-voyageur» do Iberismo. ◎ O general Prim offerece a corôa da Ibéria a el-rei D. Fernando. ◎ A candidatura do duque de Montpensier. ◎ Como um rei sybarita recebe um enviado secreto. ◎ O retrato de D. Fernando, por Fernandez de los Rios. ◎ Um «lienzo de Van Dick.» ◎ O marquez de Niza. ◎ El-Rei D. Luiz pretendente á corôa de Hespanha. ◎ Os folhetos de Paris e o desmentido no *Diario do Governo* ◎ Novas negociações com D. Fernando. ◎ Condições por elle impostas ao governo de Madrid. ◎ A sr.ª condessa d'Edla. ◎ Mallogro do sonho da Iberia. ◎ O rei Amadeu de Saboia e a morte do general Prim. ◎ Um principe allemão que foi um grande principe portuguez.

El-Rei D. Fernando
(PHOT. A. BOBONE)

Fernandez de los Rios foi entre nós — como diremos? — o *commis-voyageur* do Iberismo.

Mandado em janeiro de 1869, pelo general Prim e por Sagasta, em missão secreta a Portugal para conseguir um rei para Hespanha, cuja candidatura podesse oppôr-se á do duque de Montpensier, apresentou-se em Lisboa ao marquez de Niza para quem trazia uma carta de Zorrilla, foi introduzido no paço, conduzido á presença d'el-rei D. Fernando que o recebeu no jardim das Necessidades *«en un magnifico bosque de incomparables camelias»*, e em nome do governo e do povo hespanhol offereceu-lhe a corôa real de Filippe V. D. Fernando acolheu-o com o seu sorriso elegante de sybarita, disse-lhe que responderia opportunamente, e despediu-o. O enviado secreto ficou ligeiramente desconcertado com a seccura do rei, que pareceu dar pouca importancia ás considerações adduzidas a favor da sua candidatura e em desfavor das dos Bourbons e dos Saboyas, — mas não desistiu e voltou á carga. É curioso o retrato que elle, mais tarde, no seu escandaloso livro *Mi Mision*, faz d'el-rei D. Fernando: *«Es un hombre alto, de gallarda figura, vestido con un jaqueton y una especie de aregñescos de tercio pelo verde, botas altas de campana y sombrero de abas muy anchas, enteramente la silueta del personage de un lienzo de Vandick; blanco, rubio, el rostro un poco enjuto, las facciones regulares, la frente despejada, los ojos pardos, bigote y perilla largo, rubio. se es que trás no hay algo de cano, el conjunto del semblante no muy expressivo, el aire sensilo pero digno, los movimientos agiles, la figura en fin de un hombre que en vez de 52 años representa 35 ó 40»*. Um puro Velasques, como se está vendo.

Oliveira Martins
(PHOT. A. BOBONE)

Depois de reiterada insistencia, o marquez de Niza, em carta para o enviado secreto, deu-lhe a entender que D. Fernando não acceitava a offerta do governo de Madrid, por suspeitar que o rei D. Luiz *«tinha velleidades para si mesmo, não lhe permittindo a sua consciencia de pae e de cavalheiro entrar em concorrencia com o seu proprio filho»*. Em virtude d'esta declaração, Fernandez de los Rios regressou a Hespanha, voltando d'ahi a pouco já ministro acreditado n'esta côrte, e trazendo nova combinação politica tendente a realisar a unificação iberica: o candidato ao throno hespanhol seria o proprio rei D. Luiz, que abdicaria em seu filho mais velho a corôa portugueza, ficando el-rei D. Fernando regente do reino até á maioridade do principe D. Carlos. Começavam então a publicar-se em Paris folhetos avulsos, entre os quaes um,

José Dias Ferreira

assignado por Tran Weerseen, tinha o escandaloso titulo de *Don Louis Roy d'Espagne et du Portugal.* Fez-se escandalo, o incidente chegou a tomar as proporções d'um negocio internacional, e el-rei D. Luiz viu-se forçado a publicar no *Diario do Governo* um formal desmentido a semelhantes negociações, n'uma carta dirigida ao duque de Loulé.

Fernandez de los Rios, — ou antes, o general Prim, Sagasta, Silvela, Figuerola e Zorrilla — estavam perplexos. Não sabiam qual escolher. — O pae ou o filho? D. Fernando ou D. Luiz? Como D. Luiz compromettera o seu nome na carta ao duque de Loulé, o ministro de Hespanha, segundo instrucções recebidas, voltou a insistir junto do principe D. Fernando, que continuava a ouvil-o com o mesmo sorriso incomprehensivel, no mesmo «*magnifico bosque de camelias*», desdobrando a mesma figura esguia e negra que lembrava «*un lienzo de Vandick*».

Estavamos em 1870 e a Hespanha não tinha rei. Agora era já o proprio governo francez, era directamente o general Prim, eram todas as pessoas que rodeiavam o illustre principe a pedir-lhe que reparasse na situação tristissima de Hespanha, que evitasse a republica na velha Castella de Fernando o Catholico, que estendesse o seu manto real sobre aquella terra condemnada ás devastações da democracia. Finalmente D. Fernando resolveu-se a falar, — e impoz duas condições «*sine qua non*» para a acceitação do altissimo mandato que lhe confiavam: a primeira, que a sr.ª condessa d'Edla teria na côrte de Hespanha, em tudo menos nos actos officiaes, a alta posição que lhe competia como esposa do soberano; a segunda, que seria redigida de fórma diversa a lei da successão ao throno, de maneira que nunca poizariam na mesma cabeça as corôas reaes de Hespanha e de Portugal. Com a primeira condição conformou-se o governo de Madrid; mas quanto á segunda, que era nem mais nem menos do que a negação de todo e qualquer plano tendente á unificação da Iberia — o sonho doirado de Prim e de Zorrilla, — a ambição suprema e confessada de toda a Hespanha, não poude haver nem accordos, nem conciliações. O illustre principe allemão soube ser, n'este incidente, um grande principe portuguez.

Pouco depois subia ao throno de Hespanha o principe Amadeu de Saboya, para um reinado ephemero que havia de custar a vida ao valente e nobre general Prim. O *commis-voyageur* Fernandez de los Rios nada conseguira, e o sonho da unificação iberica, dormitou durante trinta longos annos para renascer mais tarde. Mas renascer, — com quem?

Com El-Rei D. Carlos e com Oliveira Martins.

Os bastidores da historia contemporanea ◎ Indiscreções. ◎ Como El-rei D. Carlos pensa em ser rei de Hespanha. ◎ Influencia do livro «Mi Mision.» ◎ Morte de Affonso XII. ◎ O rei «niño.» ◎ A Iberia ou a guerra civil? ◎ Oliveira Martins. Anthero do Quental e a unificação iberica. ◎ O messias das «Aguas Fe[r]res» e o seu libello contra os Braganças. ◎ Os vencidos da vida. ◎ Um conselheiro e amigo intimo de el-rei D. Carlos. ◎ Terror politico e economico. ◎ O ministerio Dias Ferreira. ◎ Oliveira Martins quer ser presidente do conselho para realisar a Iberia. ◎ Uma velha rapo[sa]. ◎ Como um jurista disfructa um historiador. ◎ A ruina de uma idéa.

El-Rei D. Carlos
(PHOT. A. BOBONE)

Evidentemente, a historia contemporanea é de todas a mais difficil de escrever, — porque é de todas, tambem, aquella que mais se presta a equivocos e a falsas interpretações. O historiador erra mais facilmente quando pretende devassar os bastidores da politica contemporanea, do que quando entra, larga e abertamente, nos claros e desapaixonados problemas da historia.

O que vamos contar pertence a esses confusos bastidores. Tem o caracter d'uma indiscreção politica. Para o fazer precisamos de levantar um pouco as tapeçarias do Paço e de assistir a alguns conselhos de ministros em casa do sr. Dias Ferreira. Se houver algum erro de pormenor, estamos promptos a rectifical-o, de fórma a que se faça inteira luz sobre este curioso incidente da historia contemporanea.

Como já se viu, El-Rei D. Carlos, em virtude d'uma das combinações dynasticas de Fernandez de los Rios, estava destinado a reunir as corôas de Portugal e de Hespanha. Creança ao tempo apenas de 8 annos, com quem Loulé respeitosamente brincava, decerto alguma coisa ouvira a tal respeito, e no seu espirito infantil alguma idéa remota ficou germinando ácerca d'essa soberba realeza que lhe atiraria sobre os hombros uma das mais sumptuosas purpuras europeas. Cresceu, formou-se, desenvolveu-se, e quando positivamente completava os 15 annos, rebentou como uma bom-

ba na peninsula a questão da unificação iberica, provocada e alimentada pelo livro de Fernandez de los Rios, *Mi Mission*. A imprensa occupou-se largamente do assumpto. Pinheiro Chagas escreveu bellos artigos no *Diario da Manhã*, foram discutidas todas as hypotheses dynasticas da annexação, e o principe D. Carlos viu, claramente, que com um pouco mais de condescendencia de seu avô D. Fernando, ou com um pouco mais de energia de seu pae D. Luiz, poderia ter vindo a ser, n'um futuro proximo, o rei de todas as Hespanhas. Tratava-se d'uma creança, com a ponderação precoce dos Braganças mas com a phantasia irrequieta dos Saboyas: não admira que essa idéa brilhante da realeza de Filippe V o impressionasse durante toda a sua mocidade. Nove annos depois, quando o bom senso, as necessidades da politica do seu paiz e o conhecimento dos homens e das coisas já tinham modificado no espirito do illustre principe o primitivo enthusiasmo, succedeu morrer Affonso XII de Hespanha deixando a rainha gravida e um immenso ponto de interrogação sobre os destinos dynasticos da peninsula. Nasceria com vida esse principesinho posthumo? Seria viavel? Poderia esperar-se d'elle um rei?

Era de novo a questão iberica que surgia, em toda a sua primitiva evidencia. A Hespanha, com os olhos fitos na rainha, esperou cinco longos mezes esse angustioso parto, — ultima esperança dos que temiam a guerra civil e a ruina da dynastia austriaca. Finalmente o rei *niño* nasceu. Era bem o filho d'um tuberculoso degenerado e *calavera*. A Hespanha conservava-se n'uma espectativa triste. Os medicos affirmavam que o pequeno morria. Era a guerra civil, era possivelmente a Iberia.

Mas nada d'isto teria, n'este momento, uma tão grande influencia sobre o espirito do principe D. Carlos, — se não se houvesse dado simultaneamente um acontecimento inesperado. Oliveira Martins, o Messias das *Aguas Ferreas*, auctor do mais terrivel libelo contra a casa de Bragança, desceu a pontificar na «*Provincia*» a *vida nova*, apregoando o regimen da moralidade estricta, e fazendo a admiração de Anthero do Quental. Surgiu em Lisboa, filiou-se no grupo *dandy* dos «Vencidos da vida», approximou-se do paço, insinuou-se junto do principe, fez-se o amigo e conselheiro aulico do moço Bragança cujos ascendentes mostrára a apodrecer dentro de berlindas douradas, e depois de o pretender convencer de que a unificação iberica seria o renascimento da peninsula e o primeiro passo para o *panlatinismo*, disse-lhe, de chofre:

— «*Se Vossa Alteza, quando fôr rei, me fizer seu presidente do conselho, eu faço-o rei de todas as Hespanhas!*»

Morre pouco depois el-rei D. Luiz, sobe ao throno o principe D. Carlos, surge o terror politico e financeiro de 1900 a 1902, é chamado o conselheiro Dias Ferreira a formar gabinete, e a pasta da fazenda é entregue a Oliveira Martins, o Messias das *Aguas Ferreas*, cujo primeiro passo politico é a declaração da bancarrota universal. El-rei não o fizera presidente do conselho, mas dera-lhe a entender, vagamente, — ou julgava-o Oliveira Martins na sua cegueira, — que procurasse substituir-se ao sr. José Dias na presidencia, por qualquer processo de politica astuciosa, e que então tratariam do seu magno assumpto da unificação peninsular, visto a inviabilidade do rei *niño* estar prevista pelos medicos e ser necessario um monarcha para a Hespanha. O vencido da vida achou a attitude d'el-rei D. Carlos fria, manifestamente differente da sua attitude anterior de principe, e sobre tudo pareceu-lhe muito menor o seu enthusiasmo pela causa iberica; entretanto, como a mais pratica maneira de se substituir ao presidente do conselho, seria crear-lhe difficuldades que o forçassem á demissão collectiva, principiou nos conselhos de ministros, por todos os processos e sob todos os pretextos possiveis, a entravar a acção governativa do gabinete, creando dissidencias, collisões, incompatibilidades. José Dias Ferreira olhava-o de revez, com o seu olho estrabico, tinha um sorriso significativo, e longe de buscar attrictos, longe de dar margem a collisões, — concordava sempre, contemporisava sempre, como uma raposa astuta que prepara o salto. Um bello dia, porém, já farto de concordar, pôz-se a caminho do paço, contou o occorrido a el-rei, regressou a casa satisfeito da resposta obtida, marcou conselho de ministros para o dia seguinte, armou um laço ao Messias das *Aguas Ferreas*, fel-o declarar-se mais uma vez incompativel com a politica do gabinete, e depois de o ouvir accentuar irreductivelmente a sua incompatibilidade, disse-lhe na sua voz dôce e no seu sorriso tranquillo:

— «*Eu tenho concordado sempre com você, meu caro Oliveira Martins; mas agora não concordo, e por conseguinte, se me dá licença, vou ao Paço apresentar a sua demissão a El-Rei...*»

José Dias ficou, e Oliveira Martins sahiu. Mais uma vez estava por terra, no mesmo pó que envolvera a queda do Messias, o sonho magnifico da unificação iberica.

Resurgirá elle agora, no espirito verdadeiramente superior do principe D. Luiz Filippe?

A princeza D. Isabel

Como se penteavam as elegantes das Laranjeiras

Evidentemente, os cabelleireiros desacreditaram o bom gosto do seculo XVIII. Os cabelleireiros,—e as modistas. Os penteados monstruosos, empoados e complicadissimos das mulheres, e as immensas e terriveis saias de bambolins que lhes ampliavam os flancos n'um exagero balofo de sedas e rendas, fizeram da elegante do seculo XVIII uma verdadeira caricatura. Toda ella era ancas e cabeça. Não cabia pelas portas. Ao sair d'uma sala tinha de curvar a cabeça por causa da altura do penteado e de passar de esguelha por causa da largura dos bambolins.

Empoleirada sobre uns immensos saltos vermelhos e recurvos, com outro tanto da sua altura desde o *bor-de-front* até ao vertice do penteado altissimo, era frequente vel-a desequilibrar-se a cada passo, vacillar a cada momento, fazer prodigios para não cair. Com aquella montanha de cabello e de polvilhos, de joias e de plumas, o minimo movimento era para as elegantes do Trianon e de Queluz, de Versailles e do Ramalhão, uma gymnastica complicada e difficil. Foi isso que deu logar á moda do bastão de punho d'ouro para as mulheres. Amparadas ao seu bastão leve e alto, podiam então caminhar pelas ruas de buxo e d'azulejo dos jardins, com a solemnidade d'um prestito real e os cabeceamentos mesurados d'um cavallo de cortezias.

Mas o peor não era ainda o desequilibrio dos movimentos; o peor era a confecção trabalhosa d'aquellas obras inverosimeis de architectura, que levavam horas e horas a preparar, a riçar, a encanudar, a polvilhar, a frisar, a ampliar, e que por occasião das grandes procissões de Lisboa, Corpus-Christi ou S. Sebastião, Senhor dos Passos ou Annunciada, tinham de ficar feitos de vespera, com dezoito horas, ás vezes com vinte horas de antecedencia, obrigando a pobre elegante a dormir sentada n'uma cadeira, hirta, immovel, na mais revoltante das incommodidades, para não desmanchar a magnificencia monstruosa do penteado, feito a primor pelo Leroy, cabelleireiro da sr.ª marqueza de Pombal, ou pelo Pedro Maria, cabelleireiro da rainha Carlota Joaquina.

Era um supplicio, era um verdadeiro castigo, que convertia n'um *Martyrologio* elegante a chronica feminina das modas do seculo XVIII.

Felizmente, veiu a Revolução. Um vento de liberdade varreu com o ouro de todas as corôas os polvilhos de todas as cabeças. A convulsão que mais ou menos sacudiu toda a Europa, fez desabar, n'um abrir e fechar d'olhos, os edificios empoados e immensos que eram os penteados de 1780. A mesma implacavel mão de ferro que amarrotou os pergaminhos da nobreza desfez os inverosimeis penteados á Lamballe e á

Belle-Poule, cheios de jcias e de pós de França, armados em castellos e em navios. Apesar de Pina Manique, cão de guarda do antigo regimen na côrte, ser singularmente affecto á casaca de seda e ao penteado de polvilhos e singularmente desaffecto á moda dos cabellos curtos á *Citoyenne Tallien* e á Téroigne de Méricourt, — as grandes cabeças do seculo XVIII, levantadas e enfeitadas como *pudings*, foram desapparecendo em Lisboa e deixando o logar ás pequeninas cabeças d'ave do Consulado e do Imperio, penteadas á Tito e á romana, de cabellos rasos e aparados á frente, que ficavam tão bem á galantissima condessa da Ega e davam um ar tão picante de ephebo á gaiata e viva condessa de Soure...

Entretanto, nós repelliamos os francezes, Beresford instituia qualquer coisa de semelhante a uma dictadura militar, e a Regencia, com o patriarcha de Lisboa e o beato D. Miguel Pereira Forjaz á frente, resurgia as procissões e mandava que tocassem a toda a hora os sinos da cidade. A's bellezas de 1809 e 1812, vestidas de musselina e penteadas á grega, com pantalonas côr de rosa e *écharpes* transparêntes, anneis nos dedos dos pés e joias nos bicos dos peitos, succedeu a belleza byroniana e grave, romantica e triste das elegantes da Constituição, com grandes laços azues e brancos na cabeça e os meninos ao collo pelas salas de baile, — porque era então o supra-summo da galanteria dar de mamar aos filhos diante de toda a gente. Esta elegante d'olhos profundos e marcados a bistre pelas olheiras, era a Musa tutelar dos *casacas-de-briche* do vintismo, — era a mulher amada por Garrett e por Fernandes Thomaz, por Borges Carneiro e por Mousinho, a inspiradora dos homens do synhedrio e a mãe dos elegantes de 1840. Desde os laços azues e brancos dos penteados á Constituição e dos bandós á Boticelli, apartados e ligeiramente tufados junto á orelha, até ás cabeças eminentemente distinctas e discretamente sensuaes das elegantes que iam aos serões das Larangeiras, correm vinte annos em que os cabelleireiros da Lisboa de D. Maria II se penitenciaram em absoluto da obra exuberante, empoada, monstruosa e inverosimil dos seus antecessores do seculo XVIII.

Então, sim: fez-se verdadeira arte. Percorrendo os figurinos da epoca, no *Jornal das Damas*, no *Jornal das Familias*, — as melhores publicações de modas que houve em Lisboa no meado do seculo XIX, — vêem-se des-

O penteado portuguez no seculo XVIII, segundo uma caricatura do tempo

filar, em traços leves, coroando as mais convencionaes elegancias de hombros e de nucas, penteados que são um primor de invenção e de ligeireza, de graça e de espiritualidade. Os cabelleireiros do tempo, o Galvão, o Devy, o Baron, vingaram os cabelleireiros francezes de Lisboa de 1780. Foi uma desforra brilhante e imprevista. Nunca a portugueza se penteou melhor, mais sobria e mais elegantemente, do que na edade de ouro das festas do Farrobo e dos bailes do Carvalhal, das *sauteries* do marquez de Vianna ou das *veladas* d'arte dos condes de Penafiel. A suprema caracteristica dos penteados de 1840 era a leveza, a graciosidade, a simplicidade, um «não sei quê» de infantil e de ligeiro que Eugenio Lami soube surprehender com tanta finura, com tanto talento, e que dava ás elegantes das Larangeiras o ar de *bébés*, — encaracolados, frisados, cheios de laços, de rendas, saltitantes nos seus vestidos curtos de organdi côr de rosa ou de *gross* de Napoles, nas suas botinas de duraque azul e nos seus grandes Bolivares de setim e perolas...

Eram innumeros os typos do penteado do meiado do seculo XIX em Portugal. O mais simples, o mais ligeiro, o mais elegante, era o penteado francez

á Croizat, genero *coc-en-l'air*, — um grande laço de setim erguido sobre um *chignon*, n'um penteado vulgar de bandós. Depois, logo a seguir, por ordem de complexidade, vinha o penteado á *D. Maria II*, imitando o que a Rainha costumava apresentar nas noites de S. Carlos, — duas madeixas encanudadas cahindo adiante das orelhas, o cabello todo apanhado em grinaldas de pequeninas rosas, e sobre a nuca, formando 8 de conta, duas tranças fininhas e apertadas á moda ingleza. Era o typo classico do penteado do tempo. Em seguida vinha o penteado á *Rachel* ou á *Judia*, em bandós simples, ligeiramente derrubado para a nuca, guarnecido de pedras e de camafeus; o penteado á *Polka*, com dois rolos de velludo vermelho adiante das orelhas; o penteado á *Madame Burnay*, modista celebre do tempo, salpicado de pequeninas perolas formando coifa; o penteado á *Boccabadati*, imitando o que usava frequentemente a grande cantora; o penteado á *Fatima* com o seu turbante de setim e pennas de marabú, muito usado pela Infanta D. Maria da Assumpção, revivescencia da moda do Imperio imposta pela sensual madame de Genlis; e por ultimo o penteado do seculo XVII, á *Sévigné*, encanudado e frisado, com dois tufos de cabello lateraes presos por um fio de perolas e levantado por detraz a descobrir a nuca, — penteado delicioso, sobretudo nas mulheres louras, mas muito usado entretanto pela trigueira e espirituosa D. Maria Krus, a Musa do tempo, nos salões da Regeneração da rua Formosa.

Eram estes os mais vulgares e os mais typicos, — mas, além d'estes, quantos outros! Que infinidade de cabeças adoraveis surgem d'entre a moldura d'ouro dos grandes retratos de ha setenta annos, palpitantes de frescura e luminosas de graça, com os seus Bolivares de setim, os seus olhos profundos, os seus cabellos encanudados e semeados de rosas! Que variedade de penteados impostos pela moda do tempo, — e como tinham por onde escolher, as bellezes profissionaes que representavam com o Farrobo nas Larangeiras, cultivavam camelias com os marquezes de Vianna, faziam espirito com a condessa de Penafiel, e se perdiam com Garrett pelos corredores do palacio do Rato!

Vendo, com magua, como a elegante de 1906 se penteia mal, a *Illustração* beija-lhe as mãos, offerece-lhe estes modelos das suas antecessoras do Romantismo, e pergunta-lhe timidamente, no mais amavel dos sorrisos:

— «Porque não resurgem os penteados de 1840?»

A dança do Rei David

Tradições de uma festa popular — O S. João em Braga

Entre as famosas romarias que se realisam na encantadora provincia do Minho, resalta, no pittoresco relevo das exultações populares, a festa de S. João em Braga.

Faltam documentos e abundam lendas sobre a origem remota d'essas festas; mas as tradições da cavalleria, os velhos costumes do paiz e os habitos guerreiros da nossa raça sobejam para explicar a parte profana do culto prestado ao precursor do Christo.

Pode fazer-se á luz documental a historia d'esses festejos no meiado do seculo XVI.

Conservava ainda seu prestigio a tradicional *corrida do porco preto*, celebrada por Fr. Bernardo de Brito, D. Rodrigo da Cunha e outros antiquarios.

Infelizmente essas descripções afastam-se tanto da verdade, que é prudente desprezal-as e extractar documentos fidedignos existentes no archivo municipal, para reconstituir, n'uma synthese historica, essa singular festança, onde o porco era sacrificado á selvageria alegre dos crentes e á devoção contricta dos peccadores!

Na tarde do dia 23 de junho, corridos os touros, o alcaide-mór dirigia-se á Praça do Pão (ficava entre o Paço do Concelho e a Cathedral) e tomando, como alferes, a bandeira de Nossa Senhora, atravessava as ruas da cidade e seguia até ao vizinho monte de Santa Margarida, onde era *emprazado o porco preto*.

Um numeroso e luzido cortejo acompanhava o pendão de Santa Maria, que era a bandeira da cidade: os honrados regedores e grande parte dos cidadãos nobres cavalgavam atraz do alcaide-mór, precedendo os dois *candeleiros* de S. Thiago e S. João. Esses *candeleiros* «feitos de cêra de muitas devisas bem concertadas» eram acompanhados pelas bandeiras d'aquellas duas confrarias e pelos respectivos juizes e mordomos, e «honravam a cidade juntando n'ella muita congregação de gente».

Após vinha o *imperador* e as duas *pellas* «bem concertadas com ricos toucados e joias de ouro e vestidas de seda ou de chamelotas». Tangidas pelo *gaiteiro*, bailavam sobre os hombros dos homens que as traziam.

Depois a *serpe* (uma grande bicha) e os *cavallinhos*, os moleiros e os *espingarrdeiros* com o seu *anadel*.

Seguia-se a *Mourisca* «polida e louçã como a da villa de Guimarães» e composta de vinte pessoas «com graça, geito e sabor, gallantes, bem vestidas e atabiadas».

N'este numero entrava o *Rei*, o *tamborileiro*, o *atabaqueiro* e o *alfaqueque*, como fôra reorganisado em 1532 «para contentamento e alegria das gentes e para ennobrecimento da cidade».

A procissão continuava com as danças dos *misteres*: as *amazonas*, os *mancebos*, as *ciganas*, os *escarramenados*, os *gigantes* com o *anão* seu pae, os *arcos*, as *nymphas*, os *pastores*, os *esparteiros* «e outras folias e chacotas que soiam andar».

A antiga *pedra redonda* completamente transformada ou substituida em 1650

Emprazado o porco preto, que devia ser grande e capaz, todos se dirigiam, pelos logares costumados, até ao arrabalde de S. Sebastião. Ali, junto da ermida do glorioso martyr, e ao abrigo das frondosas carvalheiras, apeavam os cidadãos e tomavam assento em torno da *pedra redonda*, onde o alcaide-mór lhes offerecia um *beberete* reparador. Era a festa da vespera.

Na madrugada do dia 24 repetia-se a *tomada da bandeira* na Praça do Pão: e tudo seguia, ordenado como na vespera, até á *deveza* do arcebispo, além da ponte de Guimarães, onde os mordomos dos sapateiros tinham o porco preto.

Chegada que fôsse a bandeira da cidade, soltavam o cerdoso animal para com elle folgarem os jubilosos cavalleiros.

Em 1579, o senado mais uma vez recommendou áquelles mordomos o cumprimento dos seus deveres: «tenham aviso que o *porquo* (sic) não pase a ponte aquem para a cidade porque não aja diferenças antre os moleiros e çapateiros porque alegam os moleiros que tanto que o dito porquo pasa a ponte para a cidade que he seu e que assi he costume».

Após alegres accidentes a montaria terminava com a morte do porco; mas a festa proseguia: Cavalleiros e danças, bandeira e procissão caminhavam até á *pedra redonda*, para se repetir o beberete, á custa dos sapateiros.

A' tarde a multidão assistia á antiquissima festa da *bandeira*. Documentos do seculo XII referem-se ao logar da Corredoura na parochia de S. Victor.

Occupava uma parte do actual campo de Santa Anna. Repetiremos as palavras d'um documento de 1496: «No *rescio* de Santa Anna onde correm a *bandeira*». Este «sport», que devia em remotas epocas fazer as delicias da nobreza, no seculo XVI era realisado pelos *almocreves:*

«Accordaram mais que o *anadel* dos *almocreves* os ajunte e ordene a sua festa da *bandeira* como sempre foi costume e irem todos em pessca e não mandarem moços e correrem todos por ordem e não corram sempre uns até que quebrem a *taboa*, sob pena do que faltar pagar de pena mil réis para o concelho e despezas do dito dia». (Acta de 10 de junho de 1596).

A corrida era a cavallo e terminava logo que um *almocreve* partisse a taboa. Era essa a difficuldade a vencer.

Corriam todos por sua ordem: um atraz do outro. «O que correr uma carreira dê logo a taboa ho outro e não corra sempre um sob pena do que faltar pagar de cadeia mil réis.»

No anno de 1614, a vereação considerou «indecente e geralmente reprovado em todo o reino» o costume da bandeira de Nossa Senhora acompanhar o porco preto. «O tempo (affirmavam os honrados vereadores) ia apurando as cousas e a experiencia mostrava por casos que succederam desautorizar os Regedores, como na meza de S. Sebastião um dos annos passados».

Em 1615, deliberou-se que o *porco*, se o houvesse, se não mostraria pela cidade, nem com a bandeira, e que se dissesse uma missa na ermida que se edificava á ponte de Guimarães. A decadencia da montaria era evidente: o alcaide-mór rejeitou por vezes a honra de alferes; e os cidadãos faziam-se substituir, a despeito do pregão municipal que prohibia a qualquer pessoa que não fôsse filho ou neto de *cidadão* o acompanhar a cavallo a bandeira de S. João. A provisão de 1621 não deu o resultado que se esperava: As quatro gallinhas offerecidas, ou oito reales por ellas, ao alcaide-mór, a cada um dos juizes e regedores, ao procurador e ao escrivão da camara, e as duas gallinhas ou quatro reales, a cada um dos cavalleiros não foram sufficientes para restituir á festa seu antigo luzimento.

Em 1638 João Fragoso e Domingos Diniz mataram o porco na presença da camara, e, sendo logo presos, foram condemnados a 30 dias de cadeia e 1$000 réis de multa.

Em 1641 e em 1650, os sapateiros pediram escusa do porco preto e foram com effeito attendidos «mas somente por aquelles annos». N'esse ultimo anno a pedra *Braga* de S. Sebastião outr'ora pedra de S. Miguel, foi mudada e concertada. Tomou então a fórma quadrada, e abriram-lhe as lettras que, no peregrino conceito dos antiquarios e dos epigraphistas, são authenticamente romanas:

BRACARA AVGVSTA FIDELIS ET ANTIQVA

O carro dos Pastores

A corrida do porco, como a festa da bandeira, desappareceu afinal, porque os cavalleiros aqui, como em Elvas, em Obidos, como em Chaves, andaram com o tempo, a galope e a catrapós, abandonando o campo a divertimentos mais pacatos e menos irritantes.

Apparece então a dança do Rei David, que, com o carro dos pastores, faz as delicias dos bracarenses e dos forasteiros na manhã de S. João.

A musica é original, bem cadenciada e suggestiva, e tanto o rei David como seus ajudantes, reis d'armas, arautos e passavantes manteem o caracter grave das suas investiduras, a despeito dos alegres commentarios da multidão que os cerca.

No seu archivo ha provas authenticas do seu poder suggestivo e dos triumphos conquistados:

Filippe de Barros, commendador da Ordem de S. João da Matta, quarto neto do grande João de Barros, era natural de Braga e aqui residia no meiado do seculo XVIII. Ouvindo tocar «o rei David» *perdia a linha* e a vergonha e escutava como o mais obscuro romeiro.

Diz uma chronica inedita que possuimos «Dava bons jantares aos fidalgos de Braga e *dançava* na procissão de S. João em lhe tocando o instrumento chamado do rei David.»

O sr. D. Miguel, o rei amado dos bracarenses, teve sua côrte na cidade fiel desde 1 de novembro de 1832 até 1 de junho de 1833.

Conservo inedita uma minuciosa narração dos factos passados em Braga durante esse periodo de festas e de *sustos*, de beija-mãos e penitencias, de rapaziadas e ladainhas, de procissões e de visitas aos frades e ás freiras... legitimistas. Lá figura a dança do Rei David, repetida no Paço e applaudida pelas infantas que exigiram o texto da musica e gravaram na memoria os complicados passos d'aquelle baile singular.

A corrida do porco preto (gravura tôsca do tempo)

Já n'este seculo, o extincto conego Alves Matheus, orador primoroso e arrebatador, sempre grande no pulpito e na tribuna, apanhava destemido as orvalhadas de S. João, fazia uma madrugada em cada anno, para acompanhar de perto a dança do Rei David, ainda que este fôsse *regenerador*.

A politica conquistou o throno de David: houve reis miguelistas e constitucionaes, cartistas e setembristas, regeneradores e progressistas.

O actual é regenerador, mas não faz politica no espinhoso exercicio das suas altas funcções: mantem o equilibrio nos passos mais difficeis do bailado, garante a afinação dos instrumentos de corda e modera a tempo as asperezas da frauta.

JOSÉ MACHADO.

S. João da Ponte, em Braga.—(Ponte Velha)

Banquete inaugural da Camara Anglo-Portugueza, realisado no dia 28 de junho no «Prince's Restaurant» de Londres

Banquete inaugural da Camara de Commercio Anglo-Portugueza no Reino Unido

Realisou-se no dia 28 de junho, anniversario do Rei Eduardo, no Prince's Restaurant de Londres, e foi uma imponente manifestação da importancia crescente do commercio portuguez em Inglaterra. A camara, que está destinada a prestar enormes serviços ao nosso paiz, tem a presidencia de honra do sr. marquez de Soveral e effectiva do sr. barão de Sousa Deiró.

O effeito da grande sala era deslumbrante. As paredes são forradas de tecido grenat, com colgaduras de velludo da mesma côr, e por toda a parte se vêem, elegantemente dispostos, quadros de pintores modernos em exposição e venda. A parede principal estava em grande parte coberta por um tropheu de escudos e bandeiras portuguezas e inglezas entrelaçadas.

A mesa, que continha 253 talheres, compunha-se da de honra (de 30 talheres) e de oito, mais pequenas. A' direita do sr. marquez de Soveral tomaram logar: a marqueza de Lansdowne, o Lord Mayor, a baroneza de Sousa Deiró, Carl Denbigh, etc. á esquerda a Lady Mayoress, marquez de Lansdowne, lady Mayoress de Manchester, lord Suffield, miss Buckton, barão de Sousa Deiró, etc.

Produziam grande effeito as librés douradas dos criados da Mansion House, que, nas festas officiaes, formam como que o sequito do Lord Mayor; e, muito especialmente, a original personagem do *Toasts-Master*, que na gravura se vê por detraz do presidente, de bastão de tambor-mór e martello na mão.

E' celebre a importancia d'aquelle martello, que actua de batuta na mão d'aquelle regente da *orchestra* gastronomica. Tudo se faz ao som das martelladas seccas dadas sobre a meza. Assim, occupados todos os logares, ouvem-se as primeiras e todos os convivas, quasi a um tempo, vêem deante de si subir as espiraes do fumegante vapor de um apurado caldo. Chega o momento da indispensavel photographia e, com a previa martellada, o *Toasts-Master* annuncia o que se vae fazer para que ninguem se assuste com o relampago de magnesio. Mas a sua grande tarefa é durante os brindes. E' elle quem *dá o mote*, indica a cada um sobre que tem de falar, seguindo a lista dos *toasts* e, ao terminar o brinde, que muitas vezes é um discurso e poucos ouvem, *elle*, que por dever d'officio tem voz clara e potente, repete o nome da entidade a que se brindou e todos os assistentes, qual multiplo echo, vão repetindo o mesmo nome em signal de adhesão, até que o *master*, com um movimento vertiginoso do terrivel martello, põe um abafador nas gargantas mais retardatarias e longinquas.

E' curioso este antigo uso e inteiramente novo para nós.

O *menu* da banquete constava de iguarias todas com nomes portuguezes e portuguezes eram tambem todos os vinhos, excepto champagnes e licores, offerta dos principaes commerciantes inglezes e portuguezes, que deram a provar verdadeiras especialidades.

Ao sr. marquez de Soveral couberam os brindes ás Rainhas, Reis e Principes de Inglaterra e Portugal, tendo palavras de grande justiça e verdade para S. M. a Rainha D. Amelia, que foram applaudidas pela assistencia, e referindo-se aos telegrammas recebidos dos monarchas dos dois paizes desejando a prosperidade e exito da nova corporação. Foi brilhante o discurso que sob a epigraphe «Nossos velhos alliados» produziu o sr. marquez de Lansdwone, ex-ministro e conceituado e espirituoso orador. Referiu-se á nossa alliança de mais de 500 annos, que tem por base a clausula da reciproca affeição sincera. Falando dos differentes tratados feitos, lembrou o de Methuen, no tempo da Rainha Anna, que facilitava a entrada dos vinhos generosos de Portugal na Gran-Bertanha, e disse:—teria sido interessante vêr que differença se produziria na Inglaterra se pelo espaço de dois seculos não pudesse ter havido bebedores de vinho do Porto. Inclina-se a dizer que muito provavelmente teria havido menos gota mas tambem menor numero de grandes homens. Referiu-se á intima amizade que reina entre os dois paizes, que tem como grandes factores as personalidades do Rei de Portugal, muito popular em Inglaterra, e do sr. marquez de Soveral, o notavel diplomata e brilhante ornamento da sociedade de Londres, de que faz parte ha vinte e um annos. Respondeu, agradecendo nos termos mais lisongeiros, o sr. marquez de Soveral.

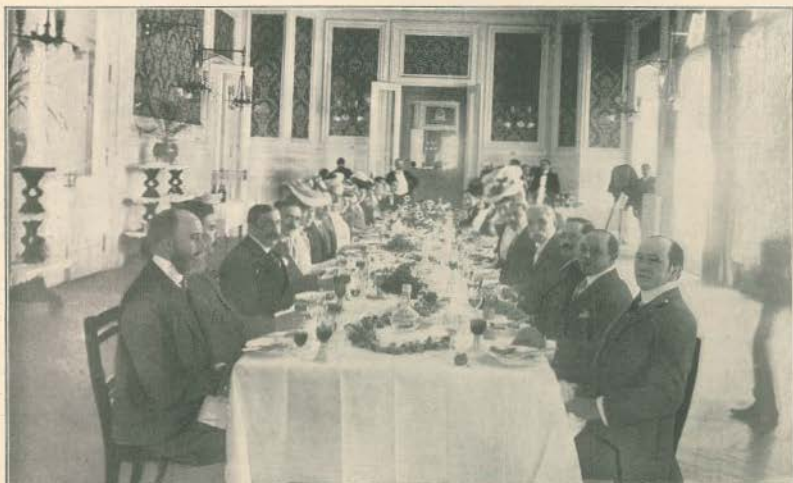
Seguiram-se os brindes: á Camara de Commercio Anglo-Portugueza, aos convidados e ao presidente.

Na sala contigua tocou, por especial deferencia, a banda do regimento 52 de Oxfordshire Light Infantry, de que é coronel em chefe S. M. o Rei de Portugal. Do escolhido programma faziam parte um fado de Rey Colaço e os hymnos de Inglaterra e Portugal.

Ao banquete assistiu tambem o genial caricaturista Sem que de Paris chegou na propria noite com o sr. Bartholomeu Perestrello.

N'esta quadra do anno, em que toda a gente está compromettida com festas e reuniões, conseguir reunir n'um banquete tanta pessoa de representação foi um milagre que muito honrou a incançavel commissão organisadora, composta dos srs.: Barão de Sousa Deiró, sir A. Rollit, sir A. Jones, sir J. Blyth (baronet), sir R. Parkington, M. Rozenraad, M. Hansard, M. Haarbleicher e sr. Oscar d'Araujo.

F. A.

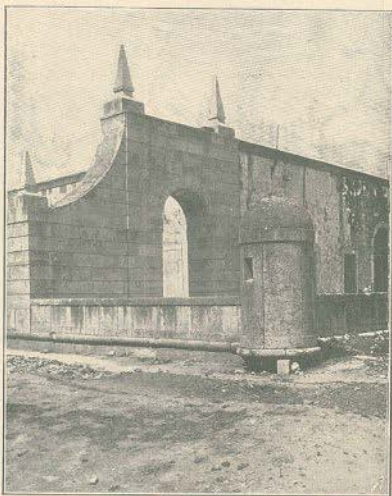
Almoço offerecido em 3 de julho pelo ministro do Brazil, no «Avenida Palace», aos delegados da America do Norte ao congresso Pan-Americano

Occupava a presidencia o sr. dr. Fialho ministro do Brazil, tendo á sua direita *madame* Walker Martinez, seguindo-se o dr. Joaquim Nabuco, embaixador do Brazil em Washington, sr. Francisco de la Barra, *mademoiselle* Elisa W. Martinez, dr. Rowe, Jacinto Villegas, Ruben Dario; á esquerda Mr. Montagne, seguindo-se os srs. D. Raphael Montero, Joaquim W. Martinez, Andrew Montagne, Marianno Cornejo, D. J. A. Lannza, dr. Walcher Martinez, filho, D. Ipamena Moreira; *vis-à-vis* ao sr. ministro do Brazil tomou o logar de honra a sr.ª D. Sarah Hamilton Fialhho, esposa do sr. ministro, que tinha á sua direita o sr. conselheiro Luiz de Magalhães, ministro dos negocios estrangeiros, e seguidamente *madame* Poortella, S. D. G. Guesada, *miss* Montagne, sr. Olmeddo Alfaro, *mademoiselle* Blanca W. Martinez, e coronel sr. Echeverria; á esquerda Mr. Page de Briaan, ministro da America, *madame* Villegas, srs. Luiz F. Corea, D. Epiphanio Portella, José D. de Obaldia, Ricardo M. Auble, D. A. Ruiz e E. C. Chermont.

Uma Bastilha da Nobreza

Os mysterios do Forte da Junqueira no tempo do marquez de Pombal

O QUE É HOJE O FORTE DA JUNQUEIRA ◎ COMO UM BRAGANÇA PAGA, APÓS SECULOS, A MORTE DE OUTRO BRAGANÇA ◎ A INQUISIÇÃO E A BASTILHA DA JUNQUEIRA ◎ OS TAVORAS ◎ UMA AMANTE DO REI ESCAPANDO Á TORTURA ◎ O «RIO DA MORTE» ◎ A NOBREZA AFERROLHADA NA JUNQUEIRA ◎ UM DITO DE D. JOSÉ ÁCERCA DE POMBAL ◎ COMO D. PEDRO III ESCAPOU DE ENTRAR NA PRISÃO ◎ COMO SÃO OS CARCERES DA JUNQUEIRA ◎ AS PAREDES E A MOBILIA NO TEMPO DE POMBAL ◎ A CAMA DOS TAVORAS ◎ A CASA DAS TORTURAS E O CEMITERIO NO FORTE DA JUNQUEIRA ◎ OS COZINHEIROS DA PRISÃO ◎ COMO ERAM TRATADOS OS FIDALGOS PELOS CARCEREIROS ◎ A COMIDA DOS PRESOS ◎ COMO UM TAVORA NÃO TEM QUE VESTIR E UM CONDE D'OBIDOS SE VESTE DE LACAIO ◎ OS JESUITAS ◎ O PADRE MALAGRIDA E COMO ESTE FRADE DENUNCIOU A CONSPIRAÇÃO DOS TAVORAS ANTES DO ATTENTADO ◎ UM EMBAIXADOR PORTUGUEZ NO FORTE DA JUNQUEIRA ◎ O CONDE DE S. LOURENÇO ESCREVENDO NA PRISÃO E MANUEL DE TAVORA FAZENDO UM DICCIONARIO ◎ COMO POMBAL SE ENRIQUECIA ◎ AS TORTURAS FEITAS A JOÃO DE TAVORA NO SUBTERRANEO DA JUNQUEIRA ◎ O FILHO DO DUQUE D'AVEIRO ◎ PORQUE SE DEGOLA UMA SERVA ◎ UM PAMPHLETO DO MARQUEZ DE GOUVEIA ◎ AS TRAMAS DOS BARBADINHOS ◎ UMA ACCUSAÇÃO DE LADRÃO FEITA A POMBAL ◎ PALAVRA DE REI NÃO VOLTA ATRAZ! ◎ O ENCERRABODES PRIMEIRO MINISTRO! ◎ OS PADRES CRUZIOS E UM POETA SATYRICO ◎ OS CONDES D'OBIDOS E DA RIBEIRA MORREM NO CARCERE ◎ LOUCURA DE DOIS JESUITAS E DE UM GRANDE FIDALGO ◎ QUANTOS PRESOS POLITICOS HOUVE NO REINADO DE D. JOSÉ ◎ QUANTOS SAHIRAM VIVOS DOS CARCERES ◎ UM ESCRIPTO DO VELHO TAVORA ◎ POMBAL CARCEREIRO E POMBAL REFORMADOR

O forte da Junqueira—um velho edificio hoje desmantelado—está encoberto da banda da rua por casarões, mas apresenta-se ainda com seu geito fero encravado em areia para o lado amplo da via ferrea, o interior desprestigiado, feito armazem d'Alfandega, como um velho carcereiro de principes que abrisse botica.

Outr'ora a agua marulhava contra as suas paredes enverdecidas e limosas, estalava com furia nas noites tempestuosas a acordar os prisioneiros que, após o attentado contra D. José I, ali desembarcaram dos botes, entre armas, e foram, espantados e d'algemas nos pulsos habituados ás rendas caras das vestes, occupar as prisões que ficavam debaixo das casas do desembargador, do escrivão, dos carcereiros e da capella e por cima dos subterraneos onde eram os antros de tortura e o cemiterio, para o qual se arrojaram algumas ossadas com seus entroncamentos de nobres espinhas de reis godos. Os que ali entraram, arrancados

Uma guarita e o arco [extremos do edificio]

dos seus palacios, dos saraus, das recamaras dos paços, das salas nobres de Belem, do Calvario e d'Azeitão, eram os Obidos e os S. Lourenço, os Alorna e os Ribeira, os jesuitas confessores da fidalguia e dos soberanos, os magistrados affectos á nobreza e o marquezinho de Gouveia, filho do duque d'Aveiro, descendente de D. João II e de Anna de Moura, que veiu pagar no dominio dos Bragançás o que o seu avô, tronco da casa, fizera seculos antes aos antepassados d'esse rei José.

Pombal vingou o Bragança esquartejado no cadafalso, vingou o duque de Vizeu apunhalado pelo rei portentoso da casa d'Aviz e o motivo foi o mesmo que levára aquelle soberano a destemperada furia: o engrandecimento do poder real. Fechava-se a Inquisição, escancarava-se a Bastilha fidalga da Junqueira. Os senhores da vespera eram agora os escravos e por isso no sigillo d'Estado e no negrume mysterioso da noite aquelles dezenove carceres se encheram de fidalgos e de padres, aquellas prisões bafientas que atravessámos ha dias, se pejaram de condes, de marquezes e de jesuitas.

Os Tavoras, mais compromettidos no attentado, com o duque de Aveiro, foram conduzidos á prisão do pateo dos Bichos, em Belem, antes de os espostejarem no patibulo, antes de lhes desconjuntarem os ossos, antes de os reduzirem a cinzas e de salgarem esse chão onde a machina se erguera e do Tejo lhes guardar os restos desfeitos. A marqueza velha foi levada para o convento do Grillo, emquanto a nova, essa D. Thereza, linda amante do rei, era recolhida no Rato, com todos os resguardos d'uso para com as concubinas reaes, á sombra do oiro e da religião, que as abonava e as desculpava, a todas ellas desde a Ignez Pires, mãe do primeiro Bragança, até á Justa Negrão, amasia de D. João IV que, feito rei, seguiu a tradição dos chefes da sua real raça vinda da casa d'Aviz pelo ventre plebeu da filha do sapateiro de Veiros.

O carcer dos Tavoras

D. José, que visitava fóra de horas a Tavora nova com grande perdão da côrte, praticou o mesmo para com ella emquanto no cadafalso os ossos dos outros da mesma linhagem eram esmichados pela maça do carrasco, e os seus nomes riscados do livro d'oiro. Até o rio, que corre lento e manso por entre penhascos da Beira e se denominava «rio dos Tavoras», passou a chamar-se Rio da Morte.

Os Tavoras, que viviam por esse reino além, D. Nuno, D. Manuel e D. João, vieram, entre escoltas, d'Evora e de Traz-os-Montes, para o forte da Junqueira, culpados de tal parentesco. Os condes da Ribeira e d'Obidos — duas casas rivaes n'outras eras, depois unidas em amizade — foram accusadas de enviar um pedaço de pão, alguma mobilia e uns parcos dinheiros á marqueza de Tavora, a antiga vice-rainha da India, então indigente antes da execução. O marquez d'Alorna, accusado de defensor de sua irmã, a poetisa, e o conde de S. Lourenço por valido do infante D. Pedro que não foi possivel condemnar, do mesmo modo foram encerrados sem processo e sem interrogatorios na lugubre fortaleza. Aquillo era o final d'uma larga meditação de Pombal, era o desejo do politico habil a satisfazer-se. O infante D. Pedro casára, apezar da má vontade do ministro, com a princeza real e elle sentira desde logo a necessidade d'anniquilar esse casal de beatos. O conde de S. Lourenço era o favorito do infante; um dia, falando com o rei, ao saber d'uma culpa do ministro, estranhára que ainda o conservasse ao seu serviço e logo o

soberano respondera: «*Sim... conservo-o porque por cada falta d'elle vocês commetteriam cem.*» Contra o marido da princeza calou-se a furia do Marquez, que já se voltara contra os irmãos bastardos do rei na ancia de governar só, elle, quasi plebeu, assim no melhor logar do throno conquistado pela audacia e pelo talento, vingando o povo como um ser d'eleição sahido d'elle.

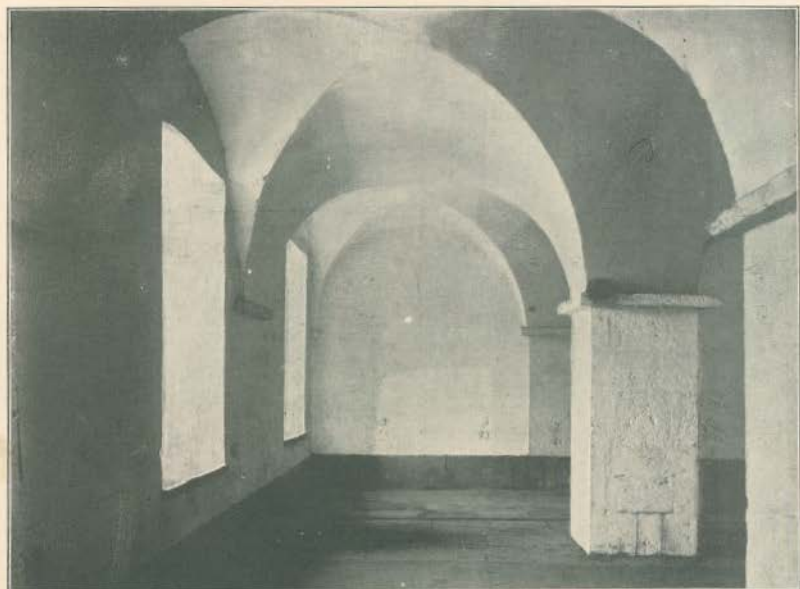
As prisões que percorremos agora, ainda com o fremito d'uma evocação, são escuras na sua maioria, as grades grossas e negras deitam para um pateo triste, um pateo de presidio, silencioso, com rebentos d'arvores velhas, com o seu poço sem ferragens e a sua taciturnidade aggressiva. Todos os carceres tinham tres portas, duas de madeira e uma de ferro, e mesmo de dia era necessario, no que os Tavoras occupavam, accender luz para se poder ler.

Um dos corredores das prisões

Quando ali entraram, as paredes reçumavam agua, faziam-se buracos com os dedos nos tectos, gelava-se lá dentro e mal se podiam aquecer pelo movimento no espaço estreito de sete passos que elles medem. Só alguns presos tinham mobilia e isso valeu ao marquez d'Alorna para, com uma porção de vinagre guardado do jantar, distingir os pés das cadeiras e fazer a tinta vermelhusca com que escreveu as suas memorias de prisão. Os Tavoras tiveram que construir com barrotes uma tarimba, mas d'ahi a pouco eram separados, porque começava a epoca do rigor. Em cima havia a gralhada dos guardas, os banquetes em casa do governador até altas horas, em que se ouviam toques de cravo e d'espineta no gelido ambiente dos carceres; em baixo, no cemiterio e no logar das torturas, que uma subida do solo

A chave da prisão grande

A 1.ª porta da prisão dos Tavoras

A chave do carcere dos Tavoras — mede 0m,22 e pesa 385 gr.

O carcere pequeno

A escadaria por onde os presos subiam

A capella

tapou agora, faziam-se as tarefas mysteriosas. Na cozinha, que ficava a um canto, as mulheres brancas embebedavam-se com o producto do que roubavam

Claraboia por onde fugiu Malagrida [photographia tirada do interior, vendo-se a grade partida pelo fugitivo]

ás refeições dos presos, riam-se d'elles, insultavam-nos de parelha com os carcereiros e só as moças negras espelhavam nos seus olhares a piedade, porque decerto sentiam a egualdade da escravidão. Durante vinte annos isto não se alterou. Cá fóra o terramoto abalava a cidade no dia dos annos da rainha, a Companhia de Jesus era extincta, o Marquez subia sempre em honrarias; lá dentro apparecia de vez em quando Francisco de Carvalho, com um sorriso dôce a saber do desembargador noticias dos presos para as levar ao irmão, soavam as phrases caserneiras dos guardas e a eterna interpellação brutal do desembargador:

—Como vae essa canalha?!

Uma vez Manuel de Tavora bateu com os pratos na grade a pedir que os lavassem e logo acudiu o vozeirão do carcereiro-mór, do magistrado que Pombal lá puzera de atalaya:

—Digam a esse maroto que aqui não é tasca!..

Depois era um carcereiro clamando a ameaçal-os de facadas, toda uma serie d'imprecações e de maus tratos, um odio a manifestar-se furiosamente em tudo. Os presos andavam esfarrapados e tiritavam de frio. Alorna pediu uns calções de camurça ou de tripe e riram-se d'elle. Obidos tem uma veste de lacaio; Ribeira um pobre capote e João de Tavora foi obrigado a vestir umas cuecas

Claraboia da capella [vista do terraço] por onde fugiu o padre Malagri

do padre Estevão por não ter calças; solicitavam soccorros de suas casas e não vinham, como se os parentes receiassem o braço do marquez, ou como se não chegassem a receber as noticias das suas desgraças. A comida era inferior e mal cozinhada, servida em estanho que nunca era areado, o chá, fervido, davam-lh'o em latas enferrujadas para semanas a fio, a carne vinha d'Oeiras por ser mais barata, e só lh'a forneciam salgada, assim como o peixe, emquanto o desembargador comia os melhores boccados, gastando tres mil e duzentos réis por dia com o seu sustento. Os presos adoeciam, requeriam o medico e o confessor, e se acaso o primeiro vinha o segundo quasi não o viam. As receitas não eram aviadas, as coisas da religião apenas sós as podiam praticar. Manuel Ferreira, o medico, ordenou banhos aos condes de S. Lourenço e d'Obidos e ao marquez d'Alorna. Os carcereiros riram; o medico insistiu e então deram ao descendente dos Menezes um barril de quarto que servira a vinho para se banhar, ao Alorna uma velha celha desconjunctada. Nunca mudavam a agua, que apodrecia. Os jesuitas soffriam os mesmos rigores; estavam ali os padres Malagrida, João Alexandre, João de Mattos,

A prisão grande

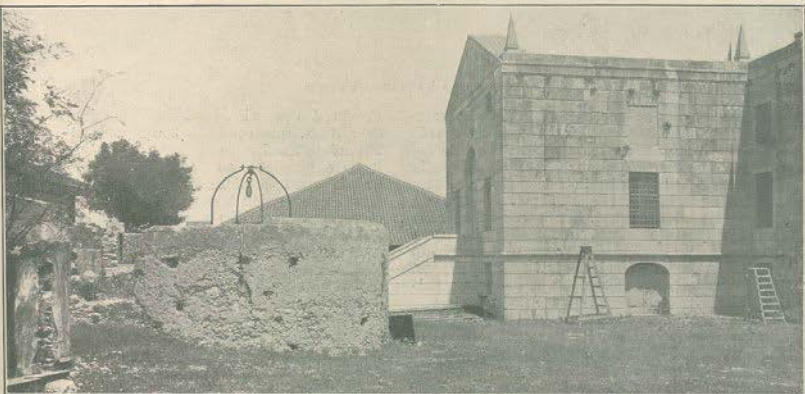
José Moreira, Jacintho da Costa, Thimoteo d'Oliveira e Pedro Homem que tinham sido confessores da familia real e da maior nobreza.

Malagrida passava os dias de rastos no carcere humido, dizendo-se em graça, allucinado, lançando ao acaso as suas reflexões de doido n'um livro a que chamava a *Historia de Sant'Anna*, chorava e dizia que não era culpado e quando, após dois annos de captiveiro, o desembargador o interrogou pela primeira vez, disse-lhe, n'uma esperança de perdão, que sabia de tudo, que até dera parte n'uma carta á camareira-mór do perigo que o rei corria. Pombal já o sabia. Encontrára a carta entre os papeis do padre, tendo-lhe sido devolvida pela fidalga. E era então cumplice? perguntava, empunhando o seu rolo de papel, que lhe foi tomado e entregue ao Marquez. Envia-se então essa obra d'um louco á Inquisição, onde já dominava Paulo de Carvalho, e Malagrida sae da Junqueira e é queimado no Rocio por hereje, tendo dito o ministro que a não ser assim soffreria a pena como regicida. O padre João de Mattos tinha oitenta annos, cegou e endoideceu; atroava a casa com berros e as mulheres ouviam-no d'aquelle pateo, sem piedade, sabendo como elle soffrera na casa dos tormentos; o conde d'Obidos tinha tambem por vezes accessos de loucura. Fôra um supremo elegante como o marquez d'Alorna que, antes de ser preso, estivera embaixador em França, floreára galas na côrte e, agora, perdido, louco, empoleirava-se nas grades e dizia vêr os seus parentes.

O poço [exterior]

Os Tavoras soffriam com mais resignação, bem como o conde de S. Lourenço. Manuel de Tavora escrevia um diccionario, o conde fazia a arte de educação d'um principe. O primeiro recebera d'um guarda papel e pennas em troco d'um candieiro de prata, o outro vendera alguma baixella... Nuno de Tavora clamou como um possesso ao saber do casamento de sua filha com o filho de Pombal, sentiu que só lhe confiscavam os bens para os darem em dote ao herdeiro do ministro e então desejou que a noiva fizesse o mesmo que D. Izabel de Sousa, a qual jámais se quizera entregar ao marido, outro filho de Pombal, tambem ardilosamente ligado á rica herdeira por um singular consorcio.

Por isso João de Tavora quando o desembargador lhe veiu falar em nome de s. ex.ª, recordando a mizeria que soffria com os seus e a união forçada da sobrinha com o filho de Pombal, declarou aos berros que não reconhecia o tratamento d'esse ministro, insultou-o, pegou no braço do escrivão e disse-lhe que apontasse tudo aquillo e o levasse ao marquez como um libello. Recolheu-se rouco de gritar e vermelho de indignação e ao repontar da aurora, ao cabo de onze dias, conduziram-no ao segredo. O desembargador segurava uma mordaça, o Tavora foi algemado de pés e mãos e posto a pão e agua. Nunca se soube o que lhe fizeram no mysterio d'essa casa agora sem communicação, nunca o poude dizer: João de Tavora trouxe d'esse carcere uma paralysia na lingua.

Não parecia o mesmo; os irmãos pediram para o acompanhar no carcere e só a Manuel isso foi consentido, sendo logo dobrados os ferrolhos das portas.

O pateo e o poço

Os condes da Ribeira e d'Obidos agonisavam como o padre João de Mattos e Moreira, que falleceram primeiro e foram a enterrar logo em seguida no cemiterio baixo, o que faz pensar ter sido algum d'elles sepultado vivo!

Estava tambem n'um dos carceres o marquezinho de Gouveia, D. Martinho, filho do duque de Aveiro. O pae perecera no cadafalso de Belem e agora buscavam arrancar do filho alguns pormenores a mais da conspiração. Era uma creança que viera crescer ainda para o carcere. Dizia-se que o pae mandára degolar uma serva que ouvira algumas combinações da conjuração e sabia-se ter esta sido confiada ao marquez de Pombal por certo frade jeronymo, de Belem, ao qual o matador se confessára. Não era logico que o filho, uma creança, entrasse na trama. Tambem quando n'aquella manhã de punição se arrancou o duque de Aveiro do seu palacio trouxeram o seu herdeiro; não o paiz! Para vencer era necessario afastar os que se interpunham deante do seu carro de triumphos e, então, cortava á larga na liberdade dos outros. Os fidalgos e os jesuitas calavam-se. Era uma victoria.

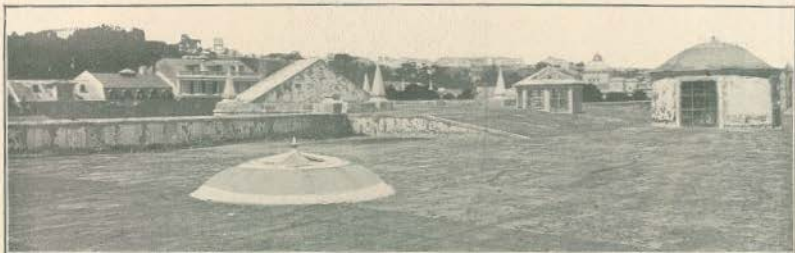
Mas depois do terramoto certo padre barbadinho, o reverendo Illuminato, conversa com o rei na quinta de Belem, sobre alguns terramotos de Italia; a rainha—inimiga de Pombal—pede-lhe que volte ao paço a fazer uma missão religiosa e o barbadinho, todo confiado em si, diz ao soberano que Martinho Velho offerecia alguns milhões para reconstruir Lisboa. D. José I manda-o a Pombal e então o capitalista declara que não faria isso e sendo interrogado diz saber de certos *desarranjos* do thesouro causados pelo marquez. O soberano ordenou-lhe que escrevesse tudo quanto sabia a tal respeito e lh'o mandasse pelo reverendo Illuminato. Supplica-lhe então que não diga coisa alguma ao marquez e elle promette-lhe segredo.

O pateo das prisões e a capella

o deixaram encher os bolsos de dinheiro, disseram-lhe que não lhe faltaria coisa alguma. Gouveia até fome passou, primeiro no pateo dos Bichos, depois na Junqueira e quando, após a decadencia de Pombal, d'ali quiz sahir, foi, cheio de colera, com uma audacia quasi republicana, que mostrou a inferioridade da realeza. Era a voz da nobreza atabafada durante annos que se erguia, n'um primeiro grito de liberdade, era o descendente d'um rei a negar quasi o direito divino como, modernamente, com menos tragedia e mais proveito, o fazem certos archiduques de Austria.

A obra de Pombal ia de vento em pôpa: a cidade renascia das cinzas do terramoto, o seu rei dava-lhe plenos poderes, fundára uma sociedade valida. Ao claro, sem vêr os seus processos, ella brilhava; no forte da Junqueira empallidecia porque lá mettera, com os culpados, muitos innocentes. Mas as revoluções teem d'estes defeitos e Pombal—elle só—foi uma revolução que transformou

Porém, é o proprio Martinho Velho que se enche de altivez, que confia o seu plano ao lettrado Francisco Xavier, pedindo-lhe para escrever a relação e mandal-a ao barbadinho, diz tambem o que se passa ao padre Manuel Guimarães, amigo do desembargador Encerrabodes, a quem aquelle escreveu a jurar-lhe que seria para elle o logar de Pombal desde que o apeassem.

A carta foi apanhada no correio e tanto o capitalista como o escripturario da relação, o padre Guimarães e o Encerrabodes mettidos no forte da Junqueira, o que lança sobre o rei a accusação fulminadora de desleal e falso cumpridor da sua palavra, ignorando-se como o marquez soubera tudo isso. Os barbadinhos são aconselhados para que fujam, a fim de evitar complicações com a Curia. Porém elles não fazem caso do aviso do ministro que dá desde logo um golpe no nuncio Ajaccioli e manda conduzir os padres ao forte da Junqueira. O padre Illuminato foi encerrado n'um

O terraço

desvão junto ao cano das immundicies, onde se prendiam os mais rebeldes, e no qual tinha que estar constantemente de pé e onde os ratos lhe trepavam pelo corpo. Dentro em pouco prendem-se tambem uns padres cruzios que tinham falado da innocencia dos Tavoras e tira-se do subterraneo um tal Salvador Cotrim, que fizera versos contra Pombal, para lá se encerrarem os reverendos.

A morte fazia alli uma basta colheita. Depois dos jesuitas e d'alguns outros presos politicos de menos importancia é o conde d'Obidos que entra no estertor e pede para ser ouvido de confissão, dizendo que morre. Deante do catre o desembargador responde serenamente:

—«Pois morra. Está a alargar-se o subterraneo do cemiterio!»

Depois fallece o conde da Ribeira e quando o vão enterrar descobrem cadaveres sobre cadaveres, alguns ainda sem putrefacção, e cá em cima todos os dias os outros presos esperam a sua hora, sentindo que não resistem a tanta desgraça. Era a loucura, como a do Malagrida e do padre jesuita Moreira, a cegueira, como a do Mattos decrepito, a idiotia do Obidos, a paralysia do Tavora, a fome de todos, a tortura de muitos e o velho forte sempre no seu mysterio, batido pelas aguas n'um marulhar irritante!

Aquelle Marquez viveria ainda muito?

Os padres jesuitas, já sem as roupetas, pediam a Deus que o levasse sem se atreverem a esperar a sua queda. Porém, é o rei que morre, é D. Maria I que sobe ao throno. O desembargador entra, afflicto, no carcere, deixa-os ouvir missa. Repicam festivamente os sinos e elles vêem o sol. São poucos os que restam. De nove mil seiscentos e quarenta presos politicos que houve em todo o reino durante a supremacia de Pombal, só oitocentos estão vivos. Alli da Junqueira sahem poucos: Alorna, S. Lourenço, os Tavoras, o Encerrabodes. O resto morrera. O filho do duque d'Aveiro não quer sahir sem rehabilitação.

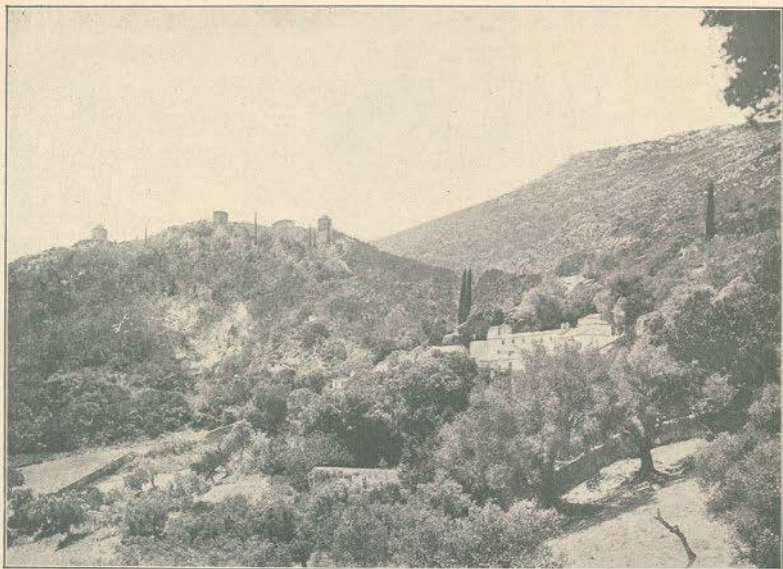
Então Alorna retira-se para Almadia todo cheio de achaques. S. Lourenço recolhe-se ao convento das Necessidades, desequilibrado mas bondoso, e Bocage ainda lá o encontra. Os Tavoras, menos o paralytico, vão governar Evora e Elvas. O Encerrabodes, quasi cego, é remettido ao seu emprego que não póde exercer e o forte da Junqueira fica a guardar a ralé, os facinoras, os forçados, perde a sua qualidade de Bastilha da nobreza, dando no emtanto a resposta eloquente áquelle escripto do Tavora que fôra decapitado:

«O silencio d'este homem espanta-me. Parece estar perfeitamente descançado sobre o que acaba d'occorrer.»

O silencio quebrou-se com o patibulo de Belem e logo se fez de novo com as mysteriosas prisões da Junqueira, onde Pombal deixou recordações das suas vinganças que não empanam todavia a legenda dos seus outros actos, gravados na historia de Portugal em bom oiro e na historia da Companhia de Jesus no indelevel acido de todos os rancores, mesmo após a satisfação dos seus odios, e que nos faz perdoar ao Marquez todos os delictos deante de tanta grandeza e esquecer a torva Bastilha da nobreza, ao relembrarmos os serviços do grande ministro á nação.

O forte lá está, mas a sua legenda vae-se escurecendo á medida que se soterram as prisões, cujas chaves enormes se enferrujam ou quebram, como já desappareceu o velho cemiterio e a casa das torturas, escondidas pela terra que se ergue e tudo aos poucos vae cobrindo, como se quizesse apagar essa tenebrosa recordação do rebinado de... Pombal.

ROCHA MARTINS.

Aspecto geral do forte da Junqueira (lado do rio)

O convento da Arrabida—Vista geral

NA SERRA DA ARRABIDA

Pela montanha pedregosa e aspera dois frades caminham vagarosamente. Teem o habito largo dos capuchos, um cordão amarello franze-lhes a cintura de burel e calçam sandalias largas e grossas. A um delles, alto e esguio, cobre-lhe o peito chato uma barba longa, desleixada, e de capello cahido, a cabeça rapada, lá vão áquelle sol de setembro quente e rutilante. Ao lado dos frades um caçador marcha, as botas altas, enrugadas, de pelle de lontra, a cabelleira curta, encaracolada, a cara branca onde um bigode escasso, frizado, corta a monotonia.

Na falda da montanha um camponez que encontram prostra-se, a cabeça descoberta, tosquiada, a jaqueta de estamenha sob os joelhos, e estendendo os braços rudes e nus beija humildemente a terra.

O frade esguio crava os olhos negros e grandes n'uma nuvem tenue que paira no cimo da serra sobre o cume afiado d'um penedo, e lança lentamente a benção ao villão.

O caçador indaga:

—Que fazes tu aqui, homem, n'estas terras que te não pertencem?

E o rustico, sem levantar a cabeça, titubeia:

—Fugiu-me, senhor, a minha cabra.

—E é razão essa para que pizes assim terreno alheio?

O homem ergue lentamente a cabeça, e magoando os peitos como se quizesse matar n'elles o seu peccado grande, rouqueja cheio de lagrimas:

—Perdão, senhor, perdão.

—Que Deus te perdôe, homem que peccas, e atirou-lhe uma placa de cobre. Como um cão, o homem esfocinha a terra sêcca e vermelha, beija a moeda sem a levantar, e com as mãos postas e erguidas, fica de joelhos até perder de vista, á volta do carreiro, o caçador e os frades.

Sobranceiramente, porém, a penedia erguia-se invia e escura. O frade descoberto olha aquella altura enorme, tem um sorriso grande, e um suspiro longo altea-lhe o manto estreito. O outro ciciou umas orações.

—Que achaes, fr. Martinho? indaga o caçador.

—A omnipotencia de Deus, sr. duque.

E ajoelha deante da penedia.

Em cima a mesma nuvem pousava socegada e cheia de luz.

Reverente, o duque ajoelhou tambem. E atraz os creados olhavam mudamente aquella adoração da pedra onde a nuvem diminuida parecia descer como uma pomba branca.

O caminho continuou, aberto agora entre os rochedos. As silvas estendiam-se pelo atalho estreito. E um a um os frades não evitavam aquelle encontro sangrento. As hervas entrelaçavam-se, cruzavam-se, fortes e grossas. Duas oliveiras estorciam epilepticamente os seus troncos rugosos e uma hera grossa entrelaçava-se d'uma á outra.

Bruscamente, no alto da serra, o verde terminava; a pedra arida, escura, fragosa, suspendia-se então sobre o mar enorme. Em baixo, na areia da praia, tão branca áquelle sol alto que parecia caiada, uma choupana assentava, pequenissima e

amarella. O horisonte nevoento corria em arco, como um esbatido da agua sobre o ceu azul. E á direita, na montanha verde, d'um verde espesso e escuro, uma cruz branca recortava-se avultadamente no cimo dum telhado.

O duque murmurou:

—Eis a ermida.

E os frades ajoelharam de novo como que subjugados.

Era estranho aquelle destacar da cruz no verde da serrania. A montanha aspera, brava, alta e grandiosa subia ainda para além da cruz. Ao lado da casa estreita e branca erguia-se, triste como uma lagrima, um cypreste esguio.

—«Chegado alfim—resava o frade.—Já tenho o «que buscava, ah! que bem empregada jornada, «pois que tão singelamente se termina. Muitas le«guas me ficaes atraz, patria minha, pae, mãe, pa«rentes e amigos meus: *Ecce elongavi fugiens et «mansi in solitudine; hic expectabo eum qui salvum «me fecit.* Fugi, estou longe!»

E então pelo cerebro do duque passou bem aquelle encontro em Guadelupe com o frade que ali estava mystico e absorto. Foi assim que elle o viu tambem, implorando da misericordia da Virgem uma soledade bemdita, *um deserto não deserto, mas sim retrato do paraiso*, para remir peccados que não tinha, compensar as penas dos impuros. Tocou de certo a Senhora o seu animo generoso e religioso — e elle Duque d'Aveiro offereceu ao frade desconhecido a sua serra da Arrabida, solitaria e milagrosa.

A pedra da Anicha

Era tambem fidalgo o frade—da velha e nobre prosapia—; despresára porém o mundo vão, e com elle as galas da sua origem. Frade e franciscano!

E quando o Duque voltou a Portugal, a saudade cresceu com a distancia, como em terra sêcca uma piteira medra.

E por isso o frade começava agora, em santo dia do glorioso archanjo S. Miguel com o companheiro de seu gosto e consolação, a habitar aquella serra immensa, aquella serra que fôra d'elle! D'elle! D'elle não, de Deus: e de Deus era, Senhor de tudo!

E o frade, rasgando o habito n'um despreso brutal das ultimas coisas terrenas, continuou, em voz profunda e serena:

—«Aqui oh! mãe de Deus, aqui e não mais «adeante e não mais atraz, nem á mão direita, «nem á esquerda, aqui fico confiado em vós, que «sois unico refugio dos filhos de Adão.»

E descalçando uma sandalia, os olhos fitos na cruz que alvejava, atirou-a para longe como a significar que não mais se calçaria. E arrancando o cordão amarello que tinha á cintura, revolveu-o tambem na terra, e sujo de pó, purificado talvez das mãos que o teceram imperfeito na sua boniteza, amarrou-o de novo á cinta.

Um barco pequeno como uma mosca, em baixo, no Oceano, fazia brilhar diamantinamente a agua liza. Do céo azul, d'um azul forte, cahia um silencio grave. E nitidamente, como um arrepio n'aquella epiderme azul, um bando de pombos passou rapido.

Não sei se sonhei, se ouvi, esta historia do convento Arrabido. O meu espirito é fraco, religioso, educado no romantismo, e o vinho d'Azeitão afamadamente bom...

Na partilha dos quartos no hotel do Walido, em Azeitão, tive por companheiro o poeta Julio Ribas. Lêra-me, elle já deitado, uns trechos soltos do *Espelho dos Penitentes*. Recordo-me ainda dos seus *ss* que pareciam os dos seus *zz* que pareciam *gg*. Entrevejo ainda os gestos buliçosos dos seus braços nús. E adormeci, creio eu, embalado no cantar molhado do poeta, digerindo o vinho e os trechos. D'ahi a confusão.

Quando acordei de manhã, um gallo cantava no corredor, e de fóra, pela janella entreaberta, vinha um som brando de chocalhos...

Julio saltitava já em ceroulas, e ao vêr-me chiou alegre:

—*Chão* horas, menino, *chão* horas.

Eu ergui-me. E meio estremunhado ainda, tropecei n'um volume grosso, a meio da cassa. Era o *Espelho* desmanchado e aberto que escancarava os seus caracteres grandes.

Vestimos-nos. E a voz da D. Maria, esposa do Agostinho Gaya (rua Formosa, 61, predio todo) companheiros accidentaes de excursão, enchia já o corredor com o seu palrar de mulher contente.

Ao fundo d'uma vinha apontaram-nos uns burros tristes que se deixaram melancolicamente montar. E do rancho, esperto, excessivamente esperto, apenas o da enorme D. Maria levantava orgulhosamente a sua cabeça parda.

—Cá vamos, ó Evaristo, caminho da *Confeita-*

ria, elucidou o dr. Alva, meu erudito amigo, e tambem com, erudição apreciavel, amigo da D. Maria... Gaya.

Eu olhei o Alva muito expansivo, de pernas pendentes destribado como um *gaucho*. Seguia-me a D. Maria ao chouto curto do seu burro cinzento, e ao lado d'elle trotando forte, de jaqueta ao hombro, longo chapeu de palha, uma chibata de marmello, Nogueira, o burriqueiro, mostrava os seus dentes brancos de saloio louro. Para os lados de Lisboa havia uma cerração forte. O sol, baixo ainda, punha uma mancha de sombras na serra em frente. Eu metti então atraz do dr. Alva, Julio seguiu-me e por ultimo, curvado sobre o burro, sem consistencia na sua espinha longa, Agostinho Gaya (Rua Formosa, 61, predio todo) vinha tambem, de oculos fumados, o chapeu de sol aberto.

A serra da Arrabida entre nuvens

O atalho estreito descia ingrememente entre silvas; o Nogueira desappareceu.

E o Alva, muito loquaz, falava sempre.

—Porquanto isto, D. Maria—dizia elle—virá um dia a ser tudo postiço como aquella Suissa do *Tartarin*, de Daudet. Uma companhia explorará a Arrabida, e conservará o Nogueira como burriqueiro intelligente a que as gentes e os burros de ha muito já estão commumente habituados; salpicará a solidão da serra de frades capuchos projectando aqui e ali as suas figuras silenciosas e sempre ao lado, decorativamente, uma oliveira grande, ou um cypreste esguio. E como em geral o verde suggestiona em todo o bom portuguez uma idéa poetica, um sentimentalismo de *choradinho*, um mixto de amor e mysterio, a companhia arranjará tambem hespanholas de surpreza com gritos de susto e thesouros escondidos... todos com premio.

A D. Maria ria. Apeámos-nos. E ouvimos gritar os nossos nomes no mais copado da matta. Olhámos. Era Gaya, Agostinho Gaya, apeado, comprido, immenso, que gesticulava com o chapeu de sol e nos estendia os braços enormes n'um desespero grande. Em dois passos eil-o que nos alcança e assustado, exhausto, pergunta-nos: se tinhamos visto passar o burro d'elle? — pardo, com uma orelha preta,— dava signaes, offerecia alviçaras. E contou-nos o caso. A' entrada da matta lembrára-se elle de colher umas amoras e sem se apeiar fincando os pés nos lados do vallado estendeu-se glutonamente ás silvas. Feita a colheita, ao desmanchar a posição, não viu debaixo de si o burro, e agora ali estava, sem burro e assustado.

—E o Julio? perguntámos.

Scismou de novo; e pareceu mais espantado d'aquelle desapparecimento do Julio e do Nogueira que vinham atraz d'elle, mesmo atraz d'elle. E pallido, arrasado, confuso, lá se foi em busca do Julio—pardo com uma orelha preta.

Só no cimo da serra, quando já viamos o oceano em baixo faiscar áquelle sol da manhã, é que encontrámos o Nogueira e dois burros. O Nogueira fumando, sentado n'uma pedra, e os asnos de cabeça baixa em pungentissima meditação.

Emquanto ao Julio e ao Gaya—tinham fugido aos burros,—explicou o Nogueira.

Esperámos. E o burriqueiro começou então o seu dever de guia: marcava-nos pontos com a sua chibata comprida, apontava-nos detalhes. Em baixo, ao fim da serra, aquelle castello que amarellecia na areia branca tão grande como um dado, fôra mandado fazer por D. Pedro II para defeza dos capuchos. Aquella rocha pequena, isolada como um ilhen, era a *Anicha;* mais para cá ficava então a lapa de Santa Margarida—12 varas de comprido por outras tantas de largo.

A burricada

E a D. Maria admirava a rocha que pousava, na agua limpida, como uma concha fluctuante.

—Bonito! não acha, doutor?

—Lindissimo... e sobretudo curioso. Todas as grandes marés essa *Anicha* immensa caminha até Setubal. Que eu nunca vi...

E o Nogueira, a dentuça grande em evidencia:

—Quando ha vento, meu senhor, só quando ha vento...

E a D. Maria, com um sorriso de duvida na sua face de creança.

—Póde lá ser!...

—Tão certo, D. Maria, tão certo, como as vassouras terem sido descobertas por Fr. Serapião, frade arrabido, perspicaz, de quem se dizia ser modesto no falar, prompto no aprender, docil no persuadir, circumstancias estas que concorrendo abundantemente na pessoa do capucho, junto com umas pal

A lapa de Santa Margarida

meiras que por ahi crescem, nos deram esse monstrosinho caseiro que vossencia decerto conhece e ... manipula!

Babou-se o Alva e a D. Maria riu.

Quando de novo avistámos o convento, o seu aspecto era outro. Parecia agora enterrado chatamente na montanha.

De espaço a espaço um cipreste furava a monotonia do matto. As ermidas obliquavam por cima do telhado vulgar da ermida. Não havia uma nuvem no ceu quente. E da parede estourada da frontaria, sobresahia, sob um nicho onde uma Virgem bolorava, a estatua de Fr. Martinho crucificado numa cruz de mozaico. Mais perto de nós, como uma moldura áquella entrada velha, marinhavam pela encosta acima figueiras do inferno escancarando por entre silvas as suas folhas longas de linhas escarnecedoras. N'um largo feito por dois resquicios de muro velho, um frade de barro, sem braços, parecia estarrecido em frente d'outro, ajoelhado tambem e de cabeça inclinada, uma cabeça escura, cilindrica e esmurrada.

No soprar fraco da aragem vinha por momentos um cheiro suave a alecrim.

E foi ao entrar no convento que vimos correndo para nós o Julio e o Agostinho Gaya.

Esquecera já o burro o Agostinho, e trazia n'um lenço, cuidadosamente, um trapo que encontrára n'um alto abrupto por onde se perderam, elle e o poeta.

Tinham tomado por um atalho em busca dos burros, e foram parar a um alto mysterioso e só, onde uma rocha alisára, como a pedir inscripções. E nem uma lá estava ainda. Logo era certo que nenhum portuguez ali chegára... pelo menos com um lapis ou um canivete! E emquanto o Gaya cavava n'uma brenha, cheio d'um palpite subito de ouro, elle versejara sobre a pedra.

—E se nós almoçassemos? ponderou extenuado. E a seguir logo, contou então o resto da aventura. Quando encontrára a ultima rima, o Gaya achára tambem qualquer coisa sob o matto, qualquer coisa que não deixára vêr, que guardou cuidadosamente e que era preciso, *abcholutamente prechijo* que se *riche*.

Almoçou-se.

Acabado o almoço n'uma rua estreita do convento, onde as abelhas zuniam sobre nós, passámos ao pormenorisado exame d'aquella santa provincia. O Nogueira guiava-nos e eu cheio de calor e somno ouvia-o apontar os celleiros, officinas, terreiros, e deixava-me ficar atraz decifrando rabiscos nas paredes caiadas.

Aqui estive eu e a Lola
No dia dos annos d'ella
. . . .

Havia um nome então que eu notei, escripto em caracteres grandes e bem feitos, em todas as paredes: e em quasi todas tambem, por baixo d'esse nome, uma outra mão tinha lavrado em lettra meuda, evidente: *o burro do meu senhorio.* E foi ao pé d'um verso que só li depois, que eu assignei tambem o meu nome: Evaristo Ramos, no meu cursivo bem feito. Mas arrepellei-me ferozmente da companhia esturdia em que ficava a minha pacatice ao lêr perto, isto:

Foi a sete de setembro
De mil oitocentos e oitenta
Que n'um pagode d'estalo
Aqui jantei co'o Pimenta.

Chamei Julio, o poeta, e elle alcunhando-me de egoista escreveu tambem (esgotado desde a madrugada) o seu verso do alto:

E' como uma saudade a immensidão do mar
. . . .

Um *pic-nic*

E acabámos a visita áquelle convento arruinado, de soalhos pôdres, de azulejos partidos, onde em nichos apodrecem cheios de caruncho uns santos cobertos d'andrajos que os ratos comem em banquetes magros.

A' sahida do convento o Alva decifrou eruditamente os dizeres latinos d'uma esphera grande onde a estatua de Fr. Martinho descança os seus pés descalços.

Effigies fratris Martini á Sancta Maria que in hoc barbarico monte et Sancto loco primum Caenobium hujus Sanctae Religionis capucinorum de Arrabida sic fundavit.
Anno 1542

Sobre essa esphera enorme, tomando a parede toda, o Fr. Martinho estende os braços sobre a cruz; na mão direita tem uma tocha accesa como a significar as boas obras com que a todos attrahe para os louvores de Deus, na outra as disciplinas; os olhos estão vendados para as galas mundanas, um cadeado atravessa-lhe os labios, para mostrar o seu silencio de cenobita, tem uma fechadura no peito e o capuz cobre-lhe as orelhas.

E o Alva lia a final invocação aos frades.

Attendite ergo filiis ad petram unde excisi estis. Pelo que oh! attendei ao fundamento d'onde ascendeis.

Foi na lapa de Santa Margarida, quando a tarde cahia fresca na serra agreste e a maré subindo batia brandamente no escarpado da rocha que o Gaya se decidiu a mostrar o achado.

E antes de abrir o lenço, o Gaya explicou que tambem elle, como nós, estava n'uma ignorancia completa do que aquillo fosse. Panno era, pedaço de turbante de moura, ou de habito de frade, e logo coisa rara, curiosa, que se poderia levar como recordação authentica da serra. E os seus olhos de alfacinha que carrega kilos de conchas insipidas da praia de Algés, para sujar com ellas as mezas de casa, começaram a luzir anciadamente.

Todos nos acercámos, e elle voltou que era trapo e que além d'isso estava sujo, e que aguardava a proximidade do mar para separar o precioso do barro.

Abriu o lenço, um enorme torrão se esboroava lá dentro, deixando vêr, de facto, um pedaço de tecido fino.

Corremos á margem acompanhando o passo largo das pernas enormes do Agostinho, e ali no cavado cheio d'agua d'um rochedo dissolveu-se cuidadosamente o torrão. As mãos d'elle mergulharam um momento, perdidas na agua que escurecera. E quando achou completa aquella lavagem breve, sacou da agua, manifestas e negras, umas piugas rôtas.

Entrada do convento—Fr. Martinho

Ao fundo da lapa, como no convento, lá está tambem esculpido a canivete o verso de Julio Ribas.

E' como uma saudade a immensidão do mar
E' como um desespero a asperidão da serra
E' como um lenitivo....................

E por baixo as assignaturas dos cinco. Primeiro o auctor: Julio Ribas (poeta dos «Abrolhos») e por ultimo eu: Evaristo Ramos (amanuense do M. da F.)

ARNALDO FONSECA.

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA Illustração Portugueza

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.